

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU
MESTRADO EM HISTÓRIA**

PAULO SÉRGIO GOMES FERREIRA

A HISTÓRIA DA CAPOEIRA NA CIDADE DE GOIÁS (1945-2010)

GOIÂNIA-GO

2016

PAULO SÉRGIO GOMES FERREIRA

A HISTÓRIA DA CAPOEIRA NA CIDADE DE GOIÁS (1945-2010)

Dissertação apresentada à Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Escola de Formação de Professores - Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu, com requisito para a obtenção do título de Mestre em História. Área de concentração: Cultura e Poder. Linha de pesquisa: Identidades, Tradições e Territorialidades. Orientadora: Prof. Dra. Deusa Maria Rodrigues Boaventura.

Goiânia-GO

2016

S729

Ferreira, Paulo Sérgio Gomes.
A história da capoeira na Cidade de Goiás 1945-2010
[manuscrito]/ Paulo Sérgio Gomes Ferreira.--
2017.

98 f.; il; 30 cm

Texto em português com resumo em inglês
Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade
Católica de Goiás, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em História,
Goiânia, 2017.

Inclui referências f.83-87

1. Capoeira - História - Cidade de Goiás (GO). I.
Boaventura, Deusa Maria Rodrigues. II. Pontifícia Universidade Católica
de Goiás. III. Título.

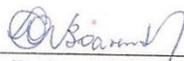
CDU:

394.3(043)

A HISTÓRIA DA CAPOEIRA NA CIDADE DE GOIÁS 1945/2010

Dissertação aprovada em 28 de março de 2017, no curso de Mestrado em História da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como requisito para a obtenção do grau de Mestre em História.

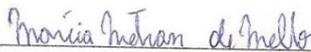
BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Deusa Maria Rodrigues Boaventura
PUC Goiás / Presidente



Prof. Dr. Eduardo José Reinato
PUC Goiás / Examinador Interno



Profa. Dra. Marcia Metran de Mello
UFG / Examinadora Externa

Prof. Dr. Eduardo Sugizaki
PUC Goiás / Suplente

Prof. Dr. Patrick Di Almeida Vieira Zechin
UEG / Suplente

Aos meus pais,

Sérgio Gomes Ferreira (*in memoriam*), excelente pai, amigo, eterno torcedor do Corinthians e sempre ganhador nas brigas de galos.

Maria Marta Pereira da Silva, pela força, o carinho nos momentos mais difíceis da vida.

Aos meus avós,

Luiza Gomes do Carmo, pela educação, carinho, colo, cantigas e, comidinha gostosa.

Manoel Ferreira Rafael, pela nobreza, malícia e destreza nas escolhas ao longo de minha formação.

À minha filha,

Odara Gomes Ferreira de Souza, minha mais nobre fonte de inspiração.

Aos meus mestres de Capoeira,

Celio Rodrigues dos Santos, pelo conhecimento adquirido na Capoeira Regional, onde tive os meus primeiros contatos com a capoeira, a tocar, cantar e jogar.

Estevão Gomes de Sá, pelos fundamentos adquiridos sobre a Capoeira Angola.

AGRADECIMENTOS

Faça aqui meus agradecimentos àquelas pessoas e instituições que contribuíram de forma colaborativa e financeiramente. Mas, com a convicção de o conhecimento adquirido ao longo do processo é impagável, as ações e interações entre os sujeitos que desde o início desta jornada historiográfica, fez com que está pesquisa perdesse o seu caráter individual, passando a ser tomada coletivamente.

A os capoeiristas, mestres e moradores da cidade de Goiás.

À minha orientadora, Prof. Dr^a Deusa Maria R. Boaventura.

Aos professores do programa de mestrado:

Prof. Dr^a Albertina Vicentini de Assumpção;

Prof. Dr. Eduardo Gusmão de Quadros;

Prof. Dr. Eduardo Sugizaki;

Prof. Dr^aIvoni Richter Reimer;

Prof. Dr^a Maria do Espírito Santo Rosa Cavalcante;

Prof. Dr^a Renata Cristina Sousa Nascimento;

Prof.Dr^a Thais Alves Marinho.

Aos professores que me avaliaram na banca de qualificação:

Prof. Dr^a Albertina Vicentini de Assumpção;

Prof. Dr^a Marcia Mertran, pelas inúmeras contribuições e provocações realizadas durante a qualificação e colegas de jornada no mestrado, por me encorajar a continuar os estudos, somando nos debates, trabalhos e projetos que foram partilhados.

Às instituições: Associação Anunciando a Consciência Negra com o Grupo de Capoeira Meninos de Angola – GCAMA-GO; União da Capoeira Pró Adolescente – UCAPRA.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), fundação vinculada ao Ministério da Educação (MEC) do Brasil, que atuou na expansão e consolidação deste estudo realizado, no curso de pós-graduação stricto sensu (Mestrado em História) da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO), com o investimento de bolsa para esta pesquisa.

À Roberta Caiado, pela confiança, colaboração financeira, além de suas contribuições na correção deste trabalho.

À José Akashi Juniro, vulgo (Juneras), pelos momentos partilhados nesta pesquisa, pela contribuição financeira e pelo apoio nos momentos de reflexão.

À Olorum e todos os orixás, pela saúde, cabeça centrada, o axé para que este trabalho chegasse até aqui.

Assim, faço os meus agradecimentos.

“Capoeira é tudo que a boca come!”

Mestre Pastinha

RESUMO

Este estudo trata de uma investigação historiográfica sobre a História da Capoeira na cidade de Goiás, entre as décadas de 1945-2010. Durante muito tempo, a história da capoeira em Goiás foi pensada somente a partir da ideia de uma ancestralidade contínua da capoeira como experiências vividas pelos capoeiristas, mestres e grupos localizados nos grandes centros hegemônicos desta manifestação, representados pelos mestres e capoeiras das cidades de Salvador e Rio de Janeiro. Os historiadores, ao desenharem a história da capoeira no Brasil, alinham-se a partir de uma historiografia de longa duração que pouco aprofundou sobre as particularidades da capoeira experimentadas nas periferias, não tratando de temas significativos, como por exemplo, as relações de poder que permeiam a história da capoeira no Brasil, questões estas que remontam um campo simbólico de relações de poder num contexto que configura a tradição da capoeira no território brasileiro. Assim, objetivando descrever a história desta prática e de seus representantes na Cidade de Goiás (periferia), este estudo, justifica-se ao focalizar e aprofundar sobre a capoeira neste território como parte de um processo mais amplo, percebendo as particularidades, adaptações e transformações performáticas que foram ocorrendo ao longo do tempo e espaço. Sendo assim, buscou-se refletir sobre aqueles momentos de colaboração, contestação, articulação e posicionamento social dos personagens que, através dos seus atos, definiram as suas ideias sobre a sociedade à qual pertenciam, durante o período proposto.

Palavras-chaves: Capoeira, cidade de Goiás, história, representação, poder.

ABSTRACT

This study deals with a historiographical investigation on the History of Capoeira in the city of Goiás, between the decades of 1945-2010. For a long time, the history of capoeira in Goiás was thought only from the idea of a continuous ancestry of capoeira as experiences lived by the capoeiristas, masters and groups located in the great hegemonic centers of this manifestation, represented by the masters and capoeiras of the cities of Salvador and Rio de Janeiro. Historians, drawing the history of capoeira in Brazil, are based on a historiography of long duration that did not elaborate on the particularities of capoeira experienced in the peripheries, not dealing with significant themes, such as the relations of power that permeate the history of capoeira in Brazil, questions that go back to a symbolic field of power relations in a context that shapes the tradition of capoeira in Brazilian territory. Thus, with the purpose of describing the history of this practice and its representatives in the city of Goiás (periphery), this study justifies focusing on capoeira in this territory as part of a broader process, realizing the particularities, adaptations and transformations that have occurred over time and space. Thus, we sought to reflect on those moments of collaboration, contestation, articulation and social positioning of the characters who, through their actions, defined their ideas about the society to which they belonged during the proposed period.

Keywords: Capoeira, city of Goiás, history, representation, power.

LISTA DE SIGLAS

FICA	Fundação Internacional de Capoeira Angola
GECAP	Grupo de Capoeira Angola Pelourinho
UCAPRA	União da Capoeira Pró Adolescente

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	01
1. A CAPOEIRA E SUAS PRÁTICAS	05
1.1. AS ORIGENS E A HISTORIOGRAFIA	05
1.2. A CAPOEIRA NO ESTADO DE GOIÁS	14
2. O RITUAL E O JOGO DA CAPOEIRA	21
2.1. O RITUAL E O JOGO DE CAPOEIRA ANGOLA	27
2.2. O RITUAL E O JOGO DE CAPOEIRA REGIONAL	34
3. A CAPOEIRA NA CIDADE DE GOIÁS 1945-2010	37
3.1. UMA ORIGEM INCERTA?	37
3.2 A FORMAÇÃO DA RODA DE CAPOEIRA	60
4. A CAPOEIRA NOS ESPAÇOS DA CIDADE: PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES	65
4.1. A CAPOEIRA REGIONAL NA CIDADE DE GOIÁS	65
4.2 A CAPOEIRA ANGOLA NA CIDADE DE GOIÁS	68
CONSIDERAÇÕES FINAIS	81
REFERÊNCIAS	83
ANEXOS	88

INTRODUÇÃO

Esta dissertação tem como propósito estudar a História da Capoeira na cidade de Goiás entre os anos de 1945-2010, segundo a perspectiva da História Cultural. A literatura levantada bem como as fontes documentais e orais permitiram reflexões que levaram ao entendimento da sua origem, das mudanças que ela sofreu ao longo do tempo e de algumas tramas de personagens, que foram desenhando o jeito de ser e viver a capoeira nesta cidade.

As indagações que promoveram essa pesquisa procuram compreender como ocorreu o processo de inserção da Capoeira no território da cidade de Goiás, numa perspectiva que considera a história da capoeira, não focalizada num contínuo¹ das histórias dos grandes centros hegemônicos, mas como um surgimento reelaborado pela tradição da capoeira sobre as experiências vividas pelos grupos nas periferias, onde a cidade de Goiás se enquadra. Um processo investigativo, portanto, que busca a manifestação genuína da realidade local podendo assim, pensar seu significado e o seu reconhecimento.

Estudar a capoeira de Goiás nesta direção é conhecer seu surgimento a partir das articulações, colaborações, contestações e possíveis posicionamentos dentro desta sociedade. Uma história que se constitui dentro do que as fontes nos mostram, dando voz, sobretudo àqueles silenciados que emergem através de depoimentos, documentos, fotografias, mapas, durante o período proposto, podendo recuar ou avançar, mediante a temporalidade dos fatos.

Para tanto, foi importante conhecer a historiografia da capoeira no Brasil (FREIRE, 1951; REGO, 1968; VIEIRA, 1973; SILVA, 1974; HOLLOWAY, 1989; LIMA, 1991; BRETAS, 1991; DIAS, 1993; VIEIRA, 1998; KARASCH, 2000; REIS, 2000; SOARES, 2002; MELLO, 2002; PIRES, 2004) e recorrer aos anais da História de Goiás (PALACÍN, 1976; PALACÍN, 2008; BERTRAND, 2000) para assim, ampliar as reflexões e adquirir os referenciais teóricos e metodológicos pertinentes à História Cultural.

A leitura de textos que tratam sobre a capoeira em Goiás permitiu identificar que os seus respectivos autores pouco aprofundaram sobre questões relevantes tais como àquelas relacionadas a dimensão do poder simbólico. Para tanto, tomar-se-á

¹ Contínuo. Refere-se à história de longa duração.

Bourdieu (1998) que diz que o poder pode se revelar a partir das estruturas que se configuram o campo simbólico.

Este autor nos esclarece ainda que o poder simbólico se deixa ver menos e que se faz até mesmo invisível. Caracteriza-se, portanto, pela ausência de importância, tornando-se um poder ignorado, mas que fundamenta e movimenta uma série de outros poderes e atos.

O poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem. (BOURDIEU, 1989).

Ainda segundo este autor, o poder simbólico pode ser explicado a partir do que ele chama de sistemas simbólicos. São eles: a língua, a arte e a religião. Nestas esferas o poder simbólico se edifica e se revela. A capoeira sendo um fenômeno cultural pode ser compreendida também como uma configuração de sistemas simbólicos. Suas formas de linguagens, expressões corporais, cantos, instrumentos e hierarquias, revelam diversos conhecimentos e práticas. Assim sendo, ela pode ser tida como um espaço de comunicação que manifesta um caráter imanente, de um sistema estruturado. (BOURDIEU, 1989, p. 7).

Além dos sistemas elencados acima, o poder simbólico pode ser encontrado naqueles que estão relacionados à integração social, e no caso aqui em questão os rituais das rodas de capoeira. Nestes rituais se encontram estruturas que configuram as identidades dos grupos e os diferenciam. São, portanto símbolos que além de remeter aos processos de comunicação e identificação do grupo, ao circular, contribuem para a reafirmação e reprodução de ideias sobre uma ordem social (BOURDIEU, 1989, p. 10).

Diante do exposto, pretende-se pensar a capoeira no território da cidade de Goiás como parte de um processo mais amplo que compreende o poder simbólico, revelado em suas práticas específicas. Com isto, busca-se identificar a sua identidade cultural, a emergência de seus novos signos e as transformações performáticas² que o ritual da roda de capoeira sofreu ao longo do tempo e espaço.

² Performáticas. Ler: MACEDO, Eliene, Nunes; TAMASO, Izabela, Maria. Dança dos Congos: patrimônio afro-brasileiro no contexto do patrimônio mundial. In: CAMARGO, R. C. de et al (Org.). Performances da Cultura: Ensaios e Diálogos. Goiânia: Kelps, 2015. p.143-163.

Também, se faz importante, demonstrar as adaptações que ocorreram a partir de sua inserção neste território.

Além destas questões acima levantadas, a presente pesquisa procurou compreender também as transformações e o sentido da capoeira da Cidade de Goiás a partir da pesquisa oral. Para tanto, utilizou-se como referência os textos de Bosi (1994), Nora (1993) e Halbwachs (1990), autores que tratam da memória e do esquecimento.

As memórias dos depoentes permitiram identificar que o primórdio de tal prática remonta o ano de 1945. Nessa época encontram-se seus primeiros vestígios, que podem subsidiar o entendimento da formação do campo simbólico das relações de poder. Foi tido como o momento das ressonâncias³, que ajudam a esclarecer a história da capoeira como uma construção que considera seu passado.

As memórias e narrativas de tais depoentes descrevem a parte oculta da História da Capoeira no Brasil e avançam sobre o contínuo de longa duração, pois redireciona a história para aqueles momentos “entre lugares”, ou seja, momentos anteriores que fornecem o terreno para o surgimento de novos signos de identidades, sua colaboração, articulação, contestação (BHABHA, 1998) e, posicionamento social, como atos de definição das suas próprias ideias sobre a sociedade.

A investigação procura contribuir com a historiografia goiana, uma vez que remonta os processos históricos vividos e ainda não contados sobre os capoeiristas no território goiano num recorte datado entre as décadas de 1945 a 2010. Utilizando de metodologias construídas a partir de análises de fontes documentais, transcrições de depoimentos orais, produção de mapas ilustrativos, seleção de imagens fotográficas, reprodução de imagens, pesquisas em vídeos e a literatura.

Ao longo do processo de construção desta dissertação, outras questões foram surgindo, como: quais seriam os primeiros capoeiristas destas terras? Quais teriam sido os primeiros representantes da capoeira no território da cidade de Goiás? Como encontrar os vestígios dos protagonistas desta história, em meio a tantas formas de silêncios da cultura dos negros e seus descendentes no processo

³ Ressonâncias. Conceito encontrado em: GONÇALVES, José Reginaldo dos Santos. Ressonância, Materialidade e Subjetividade: as culturas como patrimônios. In: Antropologia dos objetos: Coleção Museu, Memória e Cidadania. _____(org.). Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

de construção da sociedade na cidade de Goiás (TAMAZO, 2000). Nesta cidade, poderiam ter existido outras denominações linguísticas para serem definidas as práticas da capoeira? Perguntas estas, cuja pretensão de respostas segue pelos capítulos desenvolvidos.

Em “A capoeira e suas práticas”, discute-se sobre as origens da capoeira no Brasil e alguns de seus avanços na historiografia. Trata também da história e do surgimento das suas origens e consolidação no Estado de Goiás.

O capítulo intitulado “O ritual e o jogo da capoeira”, traz a compreensão da prática e o desenvolvimento do ritual do jogo da capoeira, demonstrando as diferenças performáticas entre a “Capoeira Angola” e a “Capoeira Regional”.

O terceiro capítulo, “A capoeira na cidade de Goiás 1945-2010”, apresenta algumas tramas sobre a origem da capoeira na cidade de Goiás, no período de 1945 a 1986, bem como as suas particularidades e mudanças que foram se constituindo ao longo do tempo.

O quarto e último capítulo, “A capoeira nos espaços da cidade: práticas e representações” mostram os processos que levaram ao surgimento da “Capoeira Regional” e, posteriormente a introdução da prática da “Capoeira Angola” na cidade de Goiás.

Esta dissertação ao remontar a história da capoeira na Cidade de Goiás trás contribuição de fontes significativas que muito somam à história da capoeira no Brasil, pois dá visibilidade a personagens ocultos que ressurgem através da memória. Mas com isto não pretende esgotar a discussão, pois abre apenas um espaço para futuros debates.

1. A CAPOEIRA E SUAS PRÁTICAS

1.1. As origens e a historiografia

Às vezes havia negro navalhado; muleque com os intestinos de fora que uma rede branca vinha buscar (as redes vermelhas eram para os feridos; as brancas para os mortos). Porque as procissões com banda de música tornaram-se o ponto de encontro dos capoeiras, curioso tipo de negro mulato da cidade, correspondendo ao dos capangas e cabras dos engenhos. O forte do capoeira era a navalha ou faca de ponta; sua gabolice, a do pixaim penteado e trufa, a da sandália quase na ponta do pé quase de dançarino e a modo desengonçado de andar. A capoeiragem incluía além disso uma série de passos difíceis e de agilidades quase incríveis de corpo, nas quais o malandro de rua se iniciava quase maçonicamente (*apud*, SOARES, 2002, p. 54).

A história da capoeira está relacionada ao processo de entrada dos povos africanos no Brasil (FREIRE, 1951; REGO, 1968; VIEIRA, 1973; SILVA, 1974; HOLLOWAY, 1989; LIMA, 1991; BRETAS, 1991; DIAS, 1993; VIEIRA, 1998; KARASCH, 2000; REIS, 2000; SOARES, 2002; MELLO, 2002; PIRES, 2004), por isso se fez necessário, para sua melhor compreensão, conhecer como ela foi sendo desenhada nas linhas dos historiadores, para depois ler as fontes relacionadas à capoeira no território da Cidade de Goiás.

Em REIS (2000), encontramos algumas reflexões sobre as dificuldades encontradas pelos pesquisadores, nas abordagens sobre o tema entre os séculos XVI e XVIII. A ausência de pesquisas neste âmbito se deu pela falta de fontes documentais, que por muito tempo foi um obstáculo para a reconstrução da história das origens da capoeira do espaço rural aos espaços das cidades.

Tem-se que a falta de fontes documentais teria sido ocasionada por Rui Barbosa, então Ministro da Fazenda, quando determinou a destruição de documentos significativos que poderiam contribuir para a reconstrução da história da capoeira no Brasil. Segundo REGO (1968) concordando com TRINDADE (2000), a partir desta situação complexa, que contribuiu para a falta de esclarecimentos sobre as abordagens de temas sobre a capoeira no Brasil, Rui Barbosa estava tentando apagar a história da escravidão no Brasil e junto com ela, a capoeira que também era uma invenção dos negros africanos aqui no Brasil (REGO, 1968).

Sobre as origens da capoeira abordadas pela historiografia no Brasil, alguns pesquisadores defendiam que as raízes da capoeira estavam ligadas às tradições

africanas (REGO, 1968). Conforme TRINDADE (2000), a capoeira teria surgido a partir da entrada dos africanos no Brasil. Eles denotam que a capoeira teria surgido das práticas culturais dos “Mucopes”, habitantes de uma ilha chamada “Lubango”. O povo desta aldeia, localizada ao sul de Angola, observando a época do acasalamento das zebras, momento em que os machos a fim de ganhar a atenção das fêmeas ocasionavam violentos combates para se acasalar e, observando estas ações cotidianas, os jovens guerreiros “Mucopes”, passaram a imitar alguns passos desse ritual das zebras, ao que denominavam como “N’ Golo” (Dança da zebra).

O autor relata que os habitantes desta aldeia, realizavam uma vez por ano, uma grande festa com o nome de “Efundula”, ocasião em que as meninas que já tinham atingido a puberdade, prontas para o casamento, teriam como seu esposo, aquele guerreiro que apresentava a melhor performance na prática do “N’ Golo”. Outra informação importante é que, após o casamento, o guerreiro vencedor era agraciado com a isenção do pagamento de dote e, com o tráfico de escravos para o Brasil, muitos destes africanos que foram trazidos, conheciam a prática do “N’ Golo”, que com o passar do tempo, perceberam que os movimentos do “N’ Golo” poderiam ser utilizados como luta e defesa contra o sistema escravagista que lhes oprimia.

Em MELLO (2002), a capoeira teria surgido como uma técnica de defesa e ataque no qual utilizavam o próprio corpo para enfrentar seus opressores. Não é tarefa fácil falar sobre as origens da capoeira, devido às várias concepções e opiniões divergentes. Mas, também, existem pesquisadores que defendem sua origem brasileira, isso pelo fato de que na obra: “A arte da gramática mais usada na Costa do Brasil”, 1595, de Padre José de Anchieta, faz referências em algumas citações que sinalizaram para as possibilidades da manifestação ter as suas raízes formadoras nas tradições e cotidiano dos índios tupi-guarani, que segundo o autor, se divertiam jogando uma luta com o corpo, trazendo incertezas sobre as raízes formadoras da capoeira e levantando a possibilidade desta manifestação ter sido uma invenção dos índios no Brasil.

Em outro ponto de vista encontramos em TRINDADE (2000), que explica a origem do nome capoeira.

Anteriormente ao tráfico de escravos a sociedade brasileira era formada unicamente por índios, os quais já tinham suas técnicas de agricultura. Dentre várias cabe destacar a coivara e a Kapu’era. Os negros escravizados, trazidos para substituir os índios na monocultura de cana de

açúcar não dispensaram de todo o conhecimento indígena, aproveitando a técnica da Kapu'era, o que consistia em cortar o mato baixo para o posterior replantio diferentemente da coivara onde os arbustos eram queimados. A dificuldade imposta pelos senhores de engenho aos africanos contra a prática de suas manifestações culturais urgiu que os escravos buscassem um espaço escondido para a prática do N'Golo sendo eleito o espaço denominado Kapu'era. Daí o nome desta manifestação.

Ainda sobre as origens da palavra capoeira, o surgimento do nome se encontra nas definições de LOPES (2003), como: “1- *Jogo atlético afro-brasileiro*; 2- *Cesto com a boca para baixo onde se metem capões (aves)*”. O autor reflete sobre os negros africanos urbanos, que em seus momentos de folga, entretinham-se com a prática do jogo da capoeira, deixando as “cestas” ou, “capoeiras”, no momento do entretenimento, originando o nome “capoeira” no Brasil.

Estes autores sinalizam sobre as raízes formadoras da palavra capoeira, que para LOPES (2003), origina-se do “umbundo”, da palavra “Kapwila”, que significa espancar, bofetada, tabefe. Segundo LIMA (1991), a capoeira teria sido trazida pelos africanos Bantos da região de Angola, que praticavam suas danças litúrgicas ao som de instrumentos de percussão, somente se desenvolvendo como luta aqui no Brasil.

Foram os memorialistas do século XIX e metade do século XX que primeiramente se aventuraram sobre as investigações da manifestação da capoeira no Brasil. Alguns trabalhos como os de Alexandre de Mello Moraes Filho, “Capoeiragem e Capoeiras Celebres”, de 1893; “A capoeira”, de Lima Campos, de 1906; “Nosso Jogo”, de Coelho Neto, de 1928 e, trabalhos significativos realizados por Manoel Quirino e Edilson Carneiro, que mais tarde foram desaguar na valiosa obra “Capoeira Angola: ensaio sócio – etnográfico”, produzida por REGO em 1968, que preservaram informações significativas sobre a história da capoeira.

Em REGO (1968), após analisar os depoimentos e conhecer a literatura, os romances da ficção brasileira, jornais, vislumbrou-se através de suas reflexões as possibilidades de ampliar os estudos da história da capoeira em outras partes do Brasil e, posteriormente, estes estudos foram ampliados pelas reflexões de Jair Moura e Frederico José, na década de 1960.

A produção historiográfica sobre a capoeira no Rio de Janeiro é bastante privilegiada pela quantidade de fontes documentais e foi a partir de estudos sobre a

escravidão na cidade do Rio de Janeiro entre as décadas de 1808 a 1822 que ALGARANTI (1988) encontrou as fontes que, mais adiante, levariam ao fim dos debates sobre as origens da capoeira.

Estas primeiras contribuições de ALGARANTI (1988) abriremos caminhos para as abordagens da história da capoeira no Brasil, ampliadas pelos estudos de HOLLOWAY (1989) e BRETAS (1991), que analisaram a capoeira com maior complexidade estudando o sistema policial da sociedade urbana no Rio de Janeiro, no século XIX. A partir das relações escravistas e, partindo do universo dos escravos, emergiram os aliados e a presença do poder instituído, representado pelas autoridades policiais.

Foi HOLLOWAY (1989) quem remontou os campos de relações de poder e propôs pensar a capoeira como representação pela primeira vez. Já BRETAS (1991), analisando os registros da Casa de Detenção e notícias publicadas em jornais de grande circulação do Rio de Janeiro, fez com que se ampliassem as abordagens ao reconstituir o cenário da repressão nos primeiros anos da república.

O autor em seu estudo intitulado: *“O império da navalha e da rasteira: a República e os capoeiras”*, fez com que emergisse o inimigo histórico dos capoeiristas da cidade do Rio de Janeiro, o chefe de polícia Dr. Sampaio Ferraz, numa história da capoeira que remonta o universo dos capoeiristas na história da cidade do Rio de Janeiro. Segundo o autor, o chefe de polícia capturou cento e onze capoeiras em apenas uma semana, entre os distritos de Sacramento, Engenho Novo e Bairro da Glória, sendo que o Bairro da Glória era o território da “Flor da Gente”, território da mais poderosa das maltas de capoeiras da cidade do Rio de Janeiro no final do século XIX. O autor especifica que essa malta, conhecida como “Flor da Gente” ou “Flor da Minha Gente”, foi utilizada como instrumento político no Rio de Janeiro durante os anos de 1870, a serviço do Partido Conservador.

Para BRETAS (1991) a capoeira na cidade do Rio de Janeiro do final do século XIX, era representada por um contingente que se fazia com cegos, pernetas, escrupulosos mantidos sob uma repressão respaldada pelo código penal de 1890. O autor além de desenhar perfil dos capoeiristas, também explica que estas ações tinham como objetivo a marginalização destes degradados da sociedade, levando à vitória do chefe de polícia Sampaio Ferraz como forma de garantir que o Rio de

Janeiro, do século XX, pudesse ser um território para se conviver com a diversificada massa urbana, porém, uma massa urbana sem lugar para a capoeira.

Estas mesmas fontes estudadas por HOLLOWAY (1989) e BRETAS (1991), também foram analisadas por KARASCH (2000) em meados de 1960. Essa pesquisadora ao estudar nos documentos do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro e neles encontrou registros importantes sobre a capoeira vivida pelos africanos cativos da Corte Imperial. Estas fontes ficavam reunidas no Códice 403, um livro de registro sobre as prisões diárias e eram as páginas que os capoeiras apareciam como os principais agentes de “desordens”.

Segundo DIAS (1993) a capoeira foi analisada a partir dos pressupostos teóricos da “Historia Social Inglesa”, revelando algumas facetas da capoeira. Nas tramas, o autor retrata o cenário da repressão sobre as camadas populares após a “Revolta da Vacina”, ação que, segundo o autor, ter sido o último grande golpe contra a capoeira no Rio de Janeiro. O autor descreve que a capoeira era considerada uma prática de origem negra organizada, sua desarticulação estava relacionada aos acontecimentos dos primeiros anos da República. Foram com as abordagens deste autor que se abriu o leque de possibilidades para as análises das obras literárias como fontes.

Mas, foi a partir das experiências teóricas e metodológicas da “História Social” aplicada por SOARES (2002), sob o norte de estudiosos como (Natalie Davis; E. P. Thompson; Carlo Ginzburg), que os debates sobre as origens da capoeira se encerraram. O pesquisador, estudou a capoeira através dos rituais, costumes, símbolos culturais e a vida social dos capoeiras, utilizando dos documentos policiais, arquivos judiciários, notícias de jornais. Assim, reconstituiu o cotidiano dos capoeiristas escravos e/ou libertos, a partir do universo das ruas da cidade do Rio de Janeiro, durante o século XIX, revelando que a capoeira era predominantemente de origem africana.

A capoeira africana refletida por SOARES (2002) se definia como uma prática empregada por meio da rivalidade e disputa pelo domínio político espacial da cidade pelas “maltsas”. Os capoeiristas surgiam como uma ameaça à ordem social vigente, por meio de uma força organizada, nos embates que eram travados muitas vezes por divergências políticas, pois algumas destas organizações eram usadas como

apoio às causas políticas, alguns representantes da causa republicana e, outras se posicionavam à favor da monarquia.

O autor aponta as estatísticas das origens mais genéricas dos presos por praticarem capoeira como pertencentes às “maltas” até meados de 1800 e que, a prática da capoeira era predominantemente africana na cidade do Rio de Janeiro.

Mais de 70% são africanos, mas se levarmos em conta que possivelmente grande parte daqueles de origem desconhecida são brasileiros, não podemos afirmar que a capoeira é exclusivamente africana. Na realidade, nos parece que ela é fruto da combinação de tradições africanas dispersas, com invenções culturais crioulas. Observando o conjunto de dados do Códice 403 vemos que 72,6% dos presos são africanos (71,9% escravos e 0,7% libertos). Desta forma, a proporção de africanos entre os capoeiras é mais ou menos semelhante ao conjunto de africanos presos, dentro de uma margem mínima, ou mesmo ocorrendo com nascidos no Brasil (26,7%). Mas de qualquer forma, uma presença africana mais forte (apud. SOARES, 2002).

Os capoeiristas apareciam associados às prostitutas, aos malandros e estivadores. Em “Negrada Instituição”, o autor não somente demonstrou serem os africanos predominantemente representantes da “capoeira escrava”, como, também, as possibilidades de que essa prática cultural tenha surgido a partir das “tradições africanas em combinação com invenções culturais crioulas” no Brasil.

A História da Capoeira na cidade do Rio de Janeiro é privilegiada com fontes documentais importantes, processos criminais que definiram os recortes temporais de investigação e influenciaram os estudos da capoeira, chamando a atenção para a década de 1890, quando foi criado o Código Penal da República e os artigos 402, 403 e 404 que penalizava a prática da capoeira como crime. Somente em 1937 foi descriminalizada, quando passou a ser considerada como símbolo étnico de nacionalidade.

A capoeira, até então, é apresentada como parte de um longo processo histórico de inserção dos negros no país e, segundo REIS (2000), sempre relacionada a conflitos tanto de ordem política quanto social. A capoeira foi coibida pela lei de diversas formas e em 1890 passou, novamente, a ser considerada crime, como “prática fora da lei”, pelo código penal da República, tendo como sanção a prisão para quem ousasse praticá-la, fundamentada pelo decreto 847, de 11 de outubro de 1890, cujo capítulo XIII, intitulado Dos vadios e capoeiras, prescreve:

Art. 402. Fazer nas ruas e praças públicas exercício de agilidade e destreza corporal conhecida pela denominação capoeiragem: andar em carreiras, com armas ou instrumentos capazes de produzir lesão corporal, provocando tumulto ou desordens, ameaçando pessoa certa ou incerta, ou incutindo temor de algum mal, Pena - de prisão celular por dois a seis meses. Parágrafo único: É considerado circunstância agravante pertencer o capoeira a alguma banda ou malta. Aos chefes ou cabeças, se imporá a pena em dobro. Art. 403. No caso de reincidência será aplicada ao capoeira, no grau máximo, a pena do art. 400. Parágrafo único: se for estrangeiro, será deportado depois de cumprida a pena. Art. 404. Se nesses exercícios de capoeiragem perpetrar homicídio, praticar alguma lesão corporal, ultrajar o pudor público e particular, perturbar a ordem, a tranquilidade ou cumulativamente nas penas cominadas para tais crimes, (apud. REGO, 1968, p. 292).

Entretanto, REIS (2000) descreve que no decorrer deste processo, os capoeiristas conseguiram atravessar esse período e obter maior reconhecimento, ganhando maior espaço na sociedade civil da década de 1950. Durante governo de Getúlio Vargas, entre 1930-1945 e 1950-1954, a prática da capoeira foi elevada à categoria de esporte autenticamente brasileiro, sendo permitida a sua prática em locais fechados.

Ainda em REIS (2000), sobre o processo de retirada da capoeira do código penal, temos que foi ocasionado por suas mudanças performáticas de símbolos étnicos a símbolos da identidade nacional, estando relacionada à história de conquistas de direitos dos negros pelo lugar social no país. A autora prescreve que a capoeira deixava de ser uma representação do entrave para o desenvolvimento da nação e, passava à condição representativa de simbólico da identidade nacional, em 1937. Assim, ocupando um lugar social e sendo considerada uma “ginástica nacional”, um “esporte brasileiro”. Ainda em REIS (2000), temos que esta faceta da capoeira tinha como utilidade ser um projeto com o intuito de transformar a capoeira, definitivamente, em um esporte nacional ou, como a tradição da capoeira paulistana desejava, uma “arte nacional brasileira”.

Segundo VIEIRA (1998), para observar as mudanças que ocorreram sobre a manifestação da capoeira ao longo do tempo, tratando de sua forma “ritual” e “gestual”, o autor aponta a capoeira numa perspectiva de intenso processo de transformação simbólica, podendo ser identificados na bibliografia especializada e literatura, nos cânticos, nas relações estabelecidas entre a polícia e o campo da cultura.

Estes historiadores da capoeira até a década de 1990, ainda encontravam dificuldades do ponto de vista de análise comparativa, pelas particularidades que a capoeira foi adotando, sendo reelaborada a sua dinâmica em outros territórios, através de adaptações, experiências, transformações performáticas e suas novas representações em diferentes regiões brasileiras. A história da capoeira vivida nas cidades do Rio de Janeiro, RJ; Salvador, BA; São Paulo, SP e, Belém do Pará, revelam que em cada território a capoeira foi experimentada por indivíduos, grupos diferentes, tornando estes territórios privilegiados por contemplar, nos últimos anos, a atenção da historiografia da capoeira no Brasil.

Nos estudos realizados por PIRES (2004), aparecem as informações importantes para se conhecer a História da Capoeira na Cidade de Goiás. O autor sinaliza para as inúmeras possibilidades da abordagem sobre as denominações lingüísticas apontam a manifestação da capoeira, pois segundo ele, em outros territórios, outras palavras surgiram para definir esta manifestação, tais como: “capadócius”, “valentões”, “bambas”, “navalhistas”, “vadios”, entre outros que o autor explica ter surgido pelas diversas visões dos diferentes grupos sociais sobre a “cultura da capoeira”.

Em PIRES (2004), se reconstitui o universo da capoeira vivida pelos baianos no cotidiano dos estivadores, carregadores, peixeiros e sapateiros, envolvidos em conflitos com policiais, marinheiros e outros “populares” das ruas de Salvador, BA. Os capoeiristas, apresentados pelo autor, são definidos linguisticamente como “*valentões*” ou, “*desordeiros*”. Para Pires (2004), que estudou o universo das ruas, revelou o cotidiano dos capoeiristas ao refletir sobre questões como a territorialidade social, capangagem política e estratégias de resistências cultural destes na cidade de Salvador, BA, durante a primeira república. O autor fez evidenciar nesse mesmo universo, outros aspectos do cotidiano dos capoeiristas, a exemplo dos valores simbólicos que giram em torno da mandinga, da vadiagem, do jogo e o espetáculo mágico da capoeira baiana.

Em Belém do Pará a história da capoeira foi primeiramente analisada por Vicente Sales em sua obra: “A defesa pessoal do negro: a capoeira no Pará”. Entretanto, foi Luiz Augusto Leal quem ampliou as possibilidades sobre as reflexões e análises das fontes, tendo o final do século XIX e início do século XX como recorte temporal. Neste período, analisou os inquéritos, ocorrências policiais, processos

criminais, jornais, documentos, obras literárias, onde os capoeiristas aparecem como representantes de políticos poderosos, capangas associados à vagabundagem ou à desordem pública. Estas nomenclaturas na ausência e/ou carência do termo “capoeira”, foram os caminhos percorridos pelo autor para investigar a capoeira nos primeiros anos do Pará Republicano.

Estes estudos sobre a capoeira no Brasil trouxeram informações valiosas para o seu processo de análise e identificação no território da Cidade de Goiás. A História da Capoeira no Rio de Janeiro, Salvador, São Paulo, Belém do Pará, traz singularidades que identificam as diferentes representações, denominações, com seus diferentes eventos e, claro, seus distintos personagens. Estas particularidades linguísticas “capoeiristas”; “valentões” ou “desordeiros”, revelam que a capoeira sofreu mudanças performáticas em seus significados. Os capoeiristas antes com suas identidades bem definidas no mundo social, eram associados à criminalidade nas ruas, à vagabundagem, a capangagem política, a vadiação nos diferentes territórios, foi se adaptando e tomando forma conforme a realidade a qual estava inserida.

Os capoeiristas da cidade do Rio de Janeiro era um tipo malandro social do samba, diferente dos capoeiristas que se localizavam na região do Belém do Pará, que eram muitas vezes confundidos com os valentes mestres do Boi Bumba. O que caracterizava o perfil dos capoeiristas baianos era as suas ligações com o universo da religião do candomblé, ocupando lugares em que perpassam o poder como sacerdotes nas casas tradicionais de terreiros, como obedientes filhos de santo e muitas vezes estes ocupavam cargo de Ogãs⁴.

Mediante as tantas especificidades da capoeira que foram sendo encontradas nas diversas regiões do país e, ainda, considerando toda sua transformação performática adaptada a cada lugar conforme o núcleo social, como seria traçar o perfil dos capoeiristas de Goiás? Passando além, como seria traçar o perfil do capoeirista da cidade de Goiás?

⁴Ogãs são também sacerdotes das religiões de matrizes africanas (Candomblé, Umbanda).

1.2. A Capoeira no estado de Goiás

A capoeira vivida pelos mestres e capoeiras da cidade de Salvador foi sendo difundida pelo Brasil alcançando a cidade de Goiânia-GO em meados da década de 1960, representada por duas modalidades que se destacavam à época, a “Capoeira Regional” e a “Capoeira Angola”. Enquadrando-se como uma prática esportiva e simples categoria de luta, a “Capoeira Regional” foi sendo inserida como atividade de educação física nos espaços educativos da sociedade, encontrando terreno e condições favoráveis para se expandir pelo território goiano, num momento que a modalidade mais antiga, a “Capoeira Angola”, estava quase extinta (SILVA, 1974). Em VIEIRA (1973) e SILVA (1974), temos que o processo de inserção da capoeira em território goiano, pode ter ocorrido a partir de duas escolas de capoeira que foram fundadas na década de 1960, na cidade de Goiânia-GO, o que inicialmente ficou estabelecido como marco histórico.

As observações destes autores apontam para as mudanças que a capoeira foi sofrendo ao longo do tempo. Transformações estas que, segundo eles, teriam ocorrido em virtude de circunstâncias históricas e ambientais, em que golpes e toques musicais, antes comum a todos os que a praticavam, foram inovados. Isto, dada à preocupação de seus inventores e descendentes, em aperfeiçoar introduzindo novos movimentos e novas maneiras de tocar os instrumentos, transformando uns e extinguindo outros num processo de adaptação local.

Os autores esclarecem que a difusão da capoeira em Goiás pode ter sido por meio de intermédio de elementos isolados ou casuais, o que, por certo, teria mais ocorrido pelo leste, nordeste e norte goianos, devido ao alto índice de nordestinos ali radicados, destacando os filhos da Bahia. Segundo Silva (1974), a capoeira se desenvolveu em Goiás, através de duas academias fundadas na cidade de Goiânia, o terreiro de Capoeira Angola, fundado por Mestre Sabu (Manoel Pio Sales), e a Academia de Capoeira Regional (Jóquei Clube), fundada pelo Mestre Osvaldo de Souza, ligado a “Capoeira Regional” Mestre Bimba, baiano, que veio morar em Goiânia, aos 73 anos de idade, fundador da primeira academia de capoeira na cidade de Salvador e sistematizador da Capoeira Regional, desde 1937.



Mestre Bimba
Desenho de Ângelo, fevereiro/2017.



Mestre Sabu
Desenho de Ângelo, fevereiro/2017.

Ao longo do tempo a capoeira foi sendo difundida pelo estado de Goiás, através dos grupos que foram surgindo nas décadas de 1980. Foi fundado na cidade de Goiânia-GO, o Grupo de Capoeira Só Angola, coordenados por “Mestre Vermelho” e “Mestre Caçador”. Estes dois mestres tiveram papel fundamental no processo de desenvolvimento da Capoeira Angola no Estado de Goiás, trazendo a linhagem da Capoeira Angola de Salvador-Ba, a prática que era ensinada por “Mestre Boca Rica”.



Mestre Vermelho
Desenho Ângelo,
Fevereiro/2016



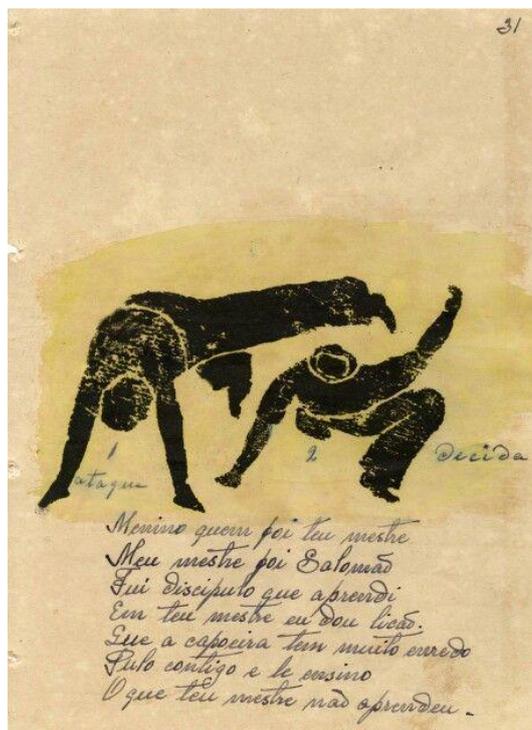
Mestre Caçador
Desenho Ângelo,
Fevereiro/2016



Mestre Boca Rica
Desenho Ângelo,
Fevereiro/2016

O Mestre Boca Rica foi aluno de Vicente Ferreira Pastinha ou, o saudoso (Mestre Pastinha), nome que é sempre lembrado com carinho pelos capoeiristas que, trazem em suas memórias nos rituais das rodas cotidianas de Capoeira Angola, referencias em seus cantos, foi um dos mais importantes mestres da capoeira baiana. Ele deixou importantes registros, desenhos, manuscritos, tratando sobre o aprendizado da capoeira, onde se explicava sobre os movimentos, regras de conduta, alegando ter aprendido sobre a capoeira com um africano.

Em seus desenhos, Mestre Pastinha traçava o perfil do capoeirista de sua época, na ginga, movimentos que transpuseram o tempo, como a cabeçada que era aplicada em combates, em tempos que a capoeira era utilizada para brigas, a rasteira ou (pelada, pernada) e o rabo de arraia, além dos movimentos de respostas que negam, (a negativa), movimentos estes que junto aos gestos e expressões transpuseram o tempo. Somente sendo aperfeiçoados com características particulares, cantos, expressões, adaptações dos instrumentos em outros territórios.



Manuscrtos de Mestre Pastinha,

Fonte: <https://www.google.com.br/search?q=desenhos+de+mestre+pastinha&oq=desenhos+de+mestre++pastinha&aqs=chrome..69i57j69i60j0j69i60l2.17839j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8>. Acesso em 16/05/2017.

Mestre Pastinha é considerado filósofo da capoeira pelos praticantes de Capoeira Angola que buscam refletir os ensinamentos que foram legados nos rituais das rodas, metodologia de ensino da prática, regras de conduta. Este mestre representa e era tido como filósofo, pois relacionava a capoeira à vida, colocando-a no cotidiano, perpassando os hábitos daqueles que a praticavam. Um de seus dizeres era “*Capoeira é tudo que a boca come*”, regra de conduta pronunciada por Mestre Pastinha durante seus ensinamentos para definir a capoeira como sendo o alimento para o bom desempenho da prática. Termo também encontrado em seu Manuscrito “Onde as pernas fazem miserês”, citado em seus desenhos acima.

Outros dois capoeiristas que fazem parte desta velha guarda da Capoeira Angola da cidade de Goiânia-GO, também tiveram papel importante com seus trabalhos e contribuições, com a difusão da Capoeira Angola em Goiás-GO. Podemos então denotar que Mestres Guaraná do Grupo Calunga e Mestre Goiano do Grupo Barravento, fizeram parte deste momento, compondo este grupo representativo de difusores da Capoeira Angola pelo estado de Goiás, fortalecendo as iniciativas aplicadas neste momento pelo Grupo de Capoeira Só Angola.



Mestre Goiano
Desenho de Ângelo, Fevereiro/2016.



Mestre Guaraná
Desenho de Ângelo, Fevereiro/2016.

Algumas transformações ocorreram na prática da capoeira por intermédio do contato da capoeira com as culturas de outros territórios, cada qual marcado por suas visões próprias, hábitos específicos e interações entre cada região. Atualmente, essas diferentes leituras acerca da capoeira se manifestam através da prática dos diferentes grupos, declaradas em duas principais vertentes: a Capoeira Angola e a Capoeira Regional.

A Capoeira Angola, possui como referência os velhos mestres baianos, Mestres estes que são lembrando nos rituais das rodas. Lendas como Besouro Mangangá do Recôncavo Baiano; Mestra Traíra; Mestra Cobrinha Verde; Mestre Canjiquinha; Mestre Bobó; Mestre Valdemar da Paixão; Mestre Pastinha e Manoel dos Reis Machado (Mestre Bimba), criador do método da Luta Regional Baiana, a atualmente conhecida, Capoeira Regional. Relevante ressaltar que, segundo REIS (2000), Mestre Bimba teria sido o articulador da retirada da capoeira como crime no Código Penal na época do Governo de Getúlio Vargas.

A Capoeira Angola diferencia-se da Capoeira Regional em sua performance. Enquanto a luta Regional Baiana, sistematizada por Mestre Bimba, busca dar maior ênfase às questões de combate físico, a Capoeira Angola, não desconsidera esta questão, mas se destaca nos ritmos, na ludicidade do jogo, ou seja, na brincadeira, na busca pela ancestralidade, constituindo assim, movimentos mais lentos e rasteiros. Na "roda de Capoeira Angola", coexistem diferentes estéticas nas performances devido aos diversos grupos e a individualidade de cada "angoleiro" durante o jogo. Isto porque os movimentos remetem à representação dos gestos dos animais. O objetivo é desequilibrar o adversário dentro dos fundamentos da arte (tocar, cantar e jogar) que fazem emergir nas rodas as ressonâncias da resistência frente a escravidão africana, em que seus integrantes demonstram uma teatralidade da luta pela libertação dos africanos cativos.

A Capoeira Angola não tem uma data definida de criação e, nenhuma pessoa a quem possamos atribuir, com certeza, a sua inspiração. Apesar disto, sempre que falamos de capoeira Angola remetemos a Vicente Ferreira Pastinha (Mestre Pastinha 1889 - 1981), pois foi o grande defensor da Capoeira Angola, divulgando-a e introduzindo-a na sociedade, contribuindo para que a capoeira deixasse de ser vista tão somente como uma luta marginalizada praticada por vândalos e arruaceiros. Foi ele, também, quem criou a primeira escola de Capoeira Angola no Brasil.

Mestre Pastinha defendia arduamente a Capoeira Angola na pretensão de que se mantivesse sua força, não perdendo suas principais características. Para tanto, divulgou a capoeira até onde pôde e como pôde, fazendo muitas viagens ao exterior, inclusive para África, como principal representante da capoeira. Este renomado Mestre foi responsável pela formação de muitos alunos, deixando um legado que garantisse o futuro da Capoeira Angola.



Mestre Pastinha
Desenho de Ângelo, Fevereiro/2016.

Portanto, temos que a partir destas narrativas historiográficas a capoeira no estado de Goiás aparece como continuidade da prática experimentada pelos mestres dos grandes centros desta manifestação, numa linhagem que transpôs as fronteiras territoriais e culturais legitimando os Mestres Vermelho e Caçador, do grupo de capoeira Só Angola, que receberam títulos de mestres do Mestre Boca Rica em 1988. Porém, mais adiante veremos que este contexto não corresponde com a realidade e que acaba por desvirtuar e ocultar toda uma história pré-existente da capoeira nos interiores do estado.

2. O RITUAL E O JOGO DA CAPOEIRA

O ritual da roda de capoeira se constitui por fundamentos que envolvem tocar, cantar, jogar e, também, pelas regras de condutas que devem ser aprendidas no processo de formação dos capoeiristas. A roda de capoeira é configurada por meio de um ciclo de pessoas, com instrumentos e histórias que remetem por meio dos cantos, gestos, expressões corporais que emergem a luta e resistência dos africanos frente ao sistema escravagista.

Os primeiros registros iconográficos que foram encontrados sobre a representação do ritual da roda de capoeira, foram produzidos por estrangeiros em viagens exploratórias pelo Brasil. Nas obras produzidas entre 1817 e 1825, são reforçadas as possibilidades africanas da capoeira abordadas por estes pesquisadores.

Foram os pintores “Johann Moritz Rugendas” (1822–1825) e “Jean-Baptiste Debret” (1817–1831), que tiveram um importante papel para se pensar a capoeira a partir do imaginário social como se percebe na obra “Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil”, publicada entre 1834-1839, em que o ritual da capoeira é demonstrado como uma prática coletiva dos negros africanos.

Estes artistas retrataram a roda de capoeira pela primeira vez em pinturas, onde o ritual da capoeira aparece como uma prática dos negros, além de desenhar os aspectos da sociedade brasileira no início do século XIX.

As pinturas trazem informações significativas que remontam o cenário da “capoeira escrava”, demonstrando os lugares escolhidos para a sua prática em espaços descampados, também denominados capoeiras. Como se nota na iconografia em que dois homens jogam e outros dois sujeitos, em animadas posições de atividade corporais, parecem treinar ou imitar os movimentos ao mesmo tempo em que acompanham o jogo e o ritmo dos toques do tambor.



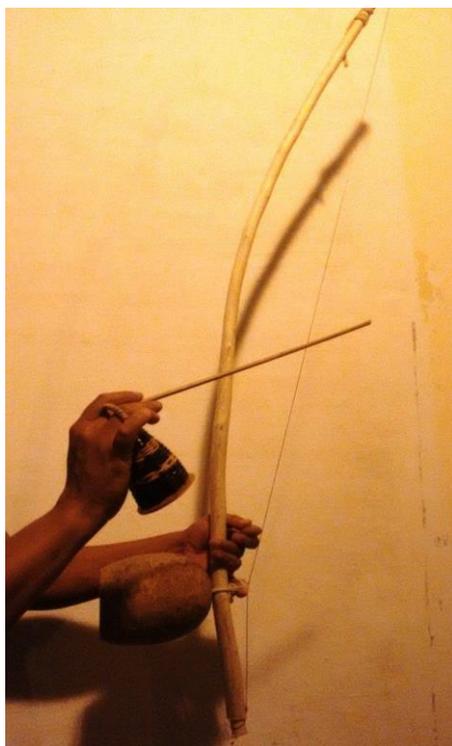
Foto: “Jogo de Capoeira”, aquarela falsificada por Roberto Heymann a partir de gravura de Rugendas. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/1238967-livro-revela-dez-falsificacoes-do-pintor-alemao-rugendas.shtml>. Acesso em: 16 fev. 2017.

Os mesmos artistas, em suas obras, representaram a figura do berimbau, ainda não incorporado ao ritual da roda de capoeira, nas mãos de um vendedor ambulante africano sendo usado somente com o objetivo de chamar a atenção para os anúncios dos produtos que vendiam através de performances musicais pelas ruas das cidades.



Foto: Aquarela de Jean-Baptiste Debret “Velho orfeu africano”, 1826. Disponível em: <http://deniseludwig.blogspot.com.br/2013/08/arte-em-pinturas-decapoeiristas.html>. Acesso em: 12 fev.2017.

Nas definições de SODRE (2002, p.77), temos que o berimbau é apresentado como um arco de madeira com fio de aço estendido entre as duas extremidades, sobre o qual se comprime uma moeda ou “dobrão”, produzindo som através de uma vareta que ao tocar o fio de aço vibra repercutindo uma sonoridade pela cabaça. O berimbau foi possivelmente trazido da África para o Brasil por ambulantes, que o usavam para atrair a atenção dos fregueses. Contudo, é um instrumento que se apresenta em outras partes do mundo, como por exemplo, em Cuba era vinculado a cultos de origem africana, sob o nome de “burubumba. E, no Brasil, por vezes chamado como “urucungo” ou “gunga”, foi incorporado ao ritual da roda de capoeira com a função de conduzir o ritual.



**Berimbau, Caxixi, pedra ou “dobrão” e vareta.
Foto: Roberta Caiado – Fevereiro/2016.**

Segundo o mesmo autor, o berimbau é um instrumento legitimador do poder/saber dos mestres de capoeira, especialmente a partir da década de 1960, quando surgem as primeiras produções audiovisuais, em que tal figura aparece, este instrumento é portado por aquele que perpassam o poder, nas relações que de uma forma regional, micro localizada nas rodas, tornou-se aquele instrumento que porta aquele que conduz o ritual das rodas de capoeira, berimbau que tem a função de

sinalizar o início, meio e o fim das rodas, sendo que os outros instrumentos seguem a sua cadência.

Os artistas da época contribuíram para o conhecimento de como se dava a formação da roda de capoeira nas cidades portuárias e a importância desta para os grupos dos negros escravos que a utilizavam como momento de reunião e agregação, num contexto significativo e de articulação para que desenvolvessem estratégias de resistência frente à dominação colonial.

Contudo, percebemos que para além da própria escassez de outras fontes iconográficas, referentes ao tema da formação do ritual da roda de capoeira, estas ganharam formas e absorveram elementos dos territórios aos quais foram sendo inseridas. Algumas peculiaridades foram se constituindo a partir da tradição de cada escola/grupo instituídas pelos seus mestres, porém estas não impediram o diálogo no jogo da capoeira.

Ainda no ritual da capoeira, temos as performances que compõem a roda para que o jogo se desenvolva. Os capoeiristas, em círculo, juntamente à bateria dos instrumentos, começam a tocar e, atentamente, são convidados pelo “lê”, que é uma invocação ou chamada de atenção daqueles que ali estão para o início do ritual.

Em seguida, dá-se início à ladainha, um canto que orienta a conduta do capoeirista dentro e fora da roda. Este canto pode ser de louvação, saudação ou, até mesmo, um desafio para aqueles que irão desenvolver o jogo.

lê! maior é Deus!
lê, maior é Deus!
Tudo o que eu tenho foi Deus quem me deu
Tudo o que eu tenho foi Deus quem me deu
Na roda de capoeira grande pequeno sou eu Camarada.
(Ladainha de louvação)

lê!
Meu senhor peçolicença!
Meu senhor peçolicença!
Do salão pra eu vadiar!
Deus salve a casa santa!
Deus salve o cálice bento!
E a hóstia consagrada!
Camaradinha!
(Ladainha de saudação)

lê!
Se você bater em mim!

Eu bato em você também!
O meu pai eu conheci
E a minha mãe também
Minha mãe tinha três filhos
Eu era o mais sossegado
Saia na boca da noite
E voltava de madrugada
Minha mãe é mulher velha
Fecha a porta, dorme cedo, camarada.
(Ladainha de desafio)

Posteriormente ao preparo da roda com a Ladainha, canta-se a “chula”, momento que se faz saudação aos mestres da capoeira, é cantada por quem conduz o a roda ou, pode-se passar o canto a outro membro da bateria, ela acontece por meio de um trocadilho que é repetido pelos demais capoeiristas que compõe a roda.

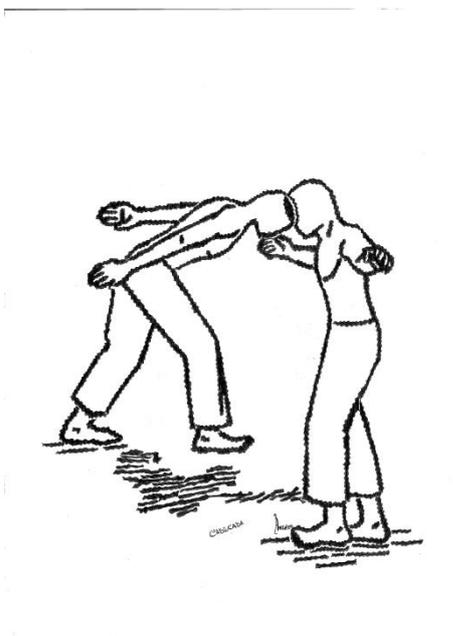
lê viva meu Deus (bis)
lê salve os mestres (bis)
lê salve meu mestre (bis)
lê volta do mundo (bis)
lê que o mundo deu (bis)
lê que o mundo dá (bis).
(Saudação ou, Chula)

No corrido, aparecem as narrativas que se desenvolve e orientam o capoeirista ao longo do jogo, trazendo mensagens ou avisos aos jogadores, indicando como ele deve se comportar em sua performances, indicando que a transgressão pode impedir ou, levar ao sucessos do capoeirista no jogo. Neste corrido, aparece um aviso de cuidado para não levar uma rasteira ou, quando ela foi executada e este capoeirista não estava atento.

Meu facão bateu embaixo o sinhá!
A bananeira caiu!
Meu facão bateu embaixo o sinhá!
A bananeira caiu!
Cai! Cai! Bananeira!
A bananeira caiu!
Meu facão bateu embaixo o sinhá!
A bananeira caiu!
Meu facão bateu embaixo o sinhá!
A bananeira caiu!
Cai! Cai! Bananeira!
A bananeira caiu!
(Corrido, Mestre Boca Rica)

O jogo da capoeira se desenvolve quando dois capoeiristas se deslocam da roda e vão para os pés dos berimbaus, se cumprimentam dando as mãos e são autorizados pelo berimbau “gunga” a darem início ao jogo. Onde ambos se movimentam num contexto de “pergunta e respostas”, provocando um diálogo a partir de gingados e golpes com os pés que terão particularidades conforme as diferenças de cada modalidade, tais como: a Capoeira Angola e a Capoeira Regional, que mesmo distintas, possuem pontos comuns que permitem angoleiros e regionais desenvolverem o jogo juntos.

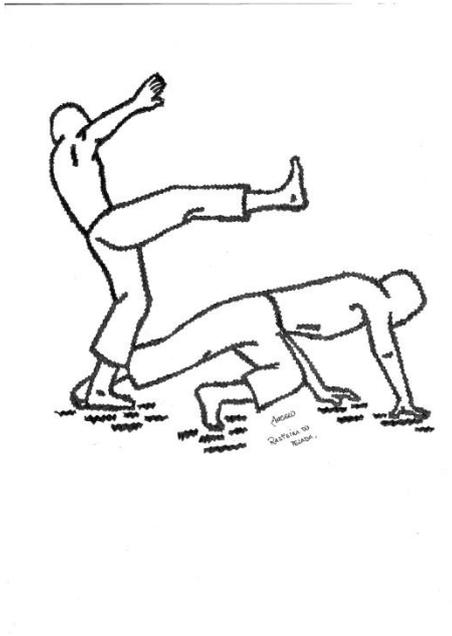
Alguns movimentos corporais, gestos, expressões, são comuns e transpuseram o tempo e emergindo dentro do jogo da capoeira, dentre estes podemos citar a “cabeçada” (golpes desferidos com a cabeça), o “rabo de arraia” e “chapas” que são (golpes desferidos com o calcanhar, onde o pé golpeia num compasso, um circunda o corpo, enquanto o calcanhar toca o adversário, tendo o momento giratório as mãos tomadas como base no chão), também a “rasteira” ou, (pelada) que desequilibram o adversário, levando-o de encontro ao chão e ponta pés ou, (pernada), onde são desferidos golpes com a parte superior dos pés.



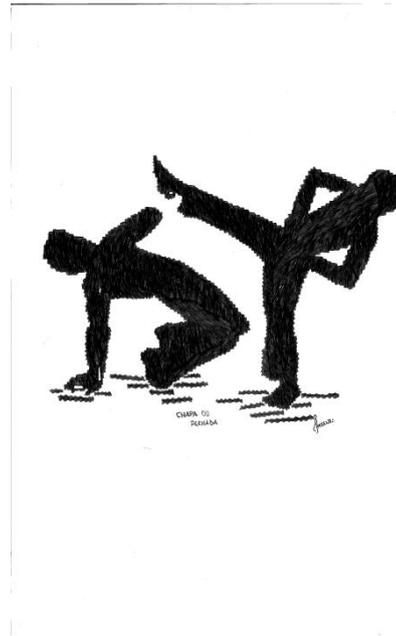
Cabeçada
Desenho de Ângelo, Fevereiro/2016.



Rabo de arraia
Desenho de Ângelo, Fevereiro/2016.



Rasteira ou (Pelada).
Desenho de Ângelo, Fevereiro/2016.



Pernada
Desenho de Ângelo, Fevereiro/2016.

Assim, estes golpes que eram usados para traumatizar o adversário, adquiriram significado para o diálogo entre os jogadores nas rodas de capoeira como vemos nos dias atuais, estes movimentos performáticos propiciam remontar as representações e história acerca da luta dos negros africanos escravizados frente aos representantes do “poder” instituído no período da colonização. Onde feitores se desdobravam para capturar os africanos escravizados fugitivos. Ou ainda, seja nas rodas de Capoeira Regional ou Capoeira Angola, estes movimentos representam formas de diálogo e interação entre os capoeiristas, sendo comuns a todos.

2.1. O Ritual e o Jogo de Capoeira Angola

A maestria da Capoeira Angola se assemelha a uma dança, com “ginga maliciosa”⁵ baseada na calma e na velocidade de movimentos, elementos que somados desenvolvem uma luta violenta. O mestre de Capoeira Angola transmite os conhecimentos aos seus discípulos durante os rituais das rodas e treinamentos cotidianos. Tudo sendo introduzido com uma grande dose de malícia, conhecida

⁵ Gíngua maliciosa. Termo utilizado para descrever a maneira de driblar o adversário deixando a incerteza se o golpe será ou não ser desferido.

como mandinga⁶, que são particularidades adotadas conforme as características típicas de cada grupo ou academia, mais especificamente relacionada à sua performance durante a prática do jogo nas rodas de capoeira. Mestre Moraes define mandinga como o amor que cada um tem dentro de si, ou seja, cada um sabe a sua forma de sentir e se relacionar com a capoeira.

A musicalidade e a bateria que se forma pela composição dos instrumentos; os cantos; as expressões; os gestos no início e encerramento da roda; as cores dos uniformes são composições construídas e reinventadas nas tradições dos grupos de capoeira, elas representam as referências de identidades dos grupos ou academias, sendo reconhecidas entre os praticantes como forma de identificação do mestre a quem segue.



Foto: Roda de Capoeira do Grupo Meninos de Angola. Acervo: Paulo Sérgio Gomes Ferreira, 2008.

De acordo com REIS (2000, p. 192), a Capoeira Angola é denominada, pelos mestres desta modalidade, como um jogo de vadição em que predominam os movimentos corporais rasteiros, onde os capoeiristas jogam boa parte do tempo com as mãos e os pés apoiados ao chão. O capoeirista possui total domínio sobre seu

⁶ Mandinga. Na capoeira o termo remete ao desejo dos jogadores em confundir o adversário como forma de tomar proveito no jogo. Está relacionada à ludicidade da prática, momento em que a brincadeira toma forma de luta.

próprio corpo, reinventando o jogo, criando posições novas e surpreendentes através de movimentos giratórios fundamentais para os improvisos e a inventividade.



Foto: Roda de Capoeira do Grupo Quilombo de Angola, Acervo: Renata Oliveira Costa, 2004.

O ritual da roda de Capoeira Angola segundo SILVA (2002), tem maior aproximação com a cultura africana, a musicalidade é descrita com maior valorização, pois adquire a função de narrar o jogo. O autor, ainda sinaliza que existe uma preocupação com a ancestralidade da capoeira por parte dos capoeiristas, que tem o objetivo de manter algumas características típicas desta modalidade, como os elementos já mencionados (musicalidade, instrumentos) mantendo assim, as memórias desta herança cultural africana num discurso de ancestralidade. Outro fato de maior predominância é a formação da bateria que pode variar dependendo a escola de capoeira, forma esta que nos permite identificar as linhagens.

Em REIS (2000), também encontramos as definições dos toques de berimbau aplicados no ritual da roda de capoeira Angola, nos quais são identificados: Angola, São Bento Pequeno, São Bento Grande de Angola, Santa Maria de Angola, Iúna, Cavalaria. Toques estes que podem ser encontrados nos materiais de áudio de Mestre Valdemar e Mestre Canjiquinha disponíveis na internet.

Na bateria musical da roda de Capoeira Angola aparecem três berimbaus, dois pandeiros, um atabaque, um ago-go, um reco-reco, somando ao todo, oito instrumentos. O Berimbau maior chamado de Gunga é que comanda o ritual, ou seja, quem o conduz marca junto ao médio, que faz a marcação inversa ao Gunga e, criando o ritmo, donde a Viola floreia entre os dois, os pandeiros marcam um, dois, três batidas, também floreando, neste mesmo compasso o ago-go e o reco-reco também marcam em três batidas e floreiam conforme é ensinado. Os ritmos podem ser invertidos nos berimbaus dependendo da escola de Capoeira Angola.



Foto: Da esquerda para a direita apresenta-se os três berimbaus, Gunga, Médio e Viola. Acervo: Paulo Sérgio Gomes Ferreira, 2003.



Foto: Formação da bateria, instrumentos que compõe a bateria na Roda de Capoeira Angola no Grupo de Capoeira Quilombo. Acervo: Paulo Sérgio Gomes Ferreira, 2003.

A ginga é designada como ponto principal para o desenvolvimento da malícia do capoeirista, considerada como a mandinga do capoeirista, acrescentando a ela uma conotação por vezes lúdica, identificando-a com o termo vadiagem. É a base de preparo para os movimentos de golpe.

As características mais relevantes do Jogo de Capoeira Angola estão na movimentação constante pela ginga baixa, em que os jogadores mantêm-se aparentemente na defesa e atacam quando o oponente menos espera. O alvo de ataque é a cabeça e o peito do outro, os corpos não se tocam, apenas as mãos e os pés devem tocar o chão, pois conforme os ensinamentos dos mestres, o bom capoeirista de angola “não suja a roupa”.

A intenção deve ser sempre a de desequilibrar o outro, o que não é conquistado pela força e sim, pela malícia, pela mandinga e destreza na simulação e dissimulação da intenção do ataque. Há uma ênfase na dança, como podemos notar na chamada de Angola, exclusiva nessa modalidade onde os passos de dança são explícitos. Existe uma maior preocupação com a mística: benzer-se antes de entrar, dar a mão ao parceiro antes e depois do jogo, aguardar a ordem do berimbau para

entrar na roda e iniciar o jogo aos pés dos berimbaus. Na roda de Capoeira Angola é a música que diz, pois o desenvolvimento do jogo somente flui a partir dos toques dados pelas ladainhas e corridos que emergem os personagens históricos.



Foto: Movimento de chamada na Roda de Capoeira Angola na Praça do Coreto da cidade de Goiás. Acervo: Paulo Sérgio Gomes Ferreira, 2004.

A Capoeira Angola é uma manifestação que busca maior aproximação com a ancestralidade africana e está relacionada à vida e experiências dos mestres e capoeiras da cidade de Salvador-BA. No ritual são referidos os espaços da cidade baiana, a realidade que estes agentes viveram. Nesta modalidade também foi notada a preocupação com a conduta do capoeirista. Muitos destes mestres e capoeiristas são lembrados e fazem parte do ritual da roda de capoeira, em qualquer lugar que se vá, sendo lembrados nos cantos, gestos, comportamentos.

O aluno da Capoeira Angola, somente está apto a exercer a função de mestre, como o passar do tempo através da experiência adquirida e de seu reconhecimento pela comunidade da capoeira, a roda é o território donde são aperfeiçoados os seus conhecimentos, suas habilidades musicais, corporais, comportamentais.



Foto: Roda de Capoeira Angola no Espaço do Grupo de Capoeira Meninos de Angola na cidade de Goiás. Acervo: Paulo Sérgio Gomes Ferreira, 2004.

A denominação Capoeira Angola foi adotada em contraposição a Luta Regional Baiana, mais tarde popularmente conhecida como Capoeira Regional. Isso pelo fato de que, Mestre Bimba, o fundador da Capoeira Regional, acreditava que a capoeira estava perdendo seu caráter de luta sistematizando então a modalidade dando a ela esse caráter de combates físicos. Mestre Bimba também era considerado um praticante de Capoeira Angola, pois fazia parte da velha guarda da capoeira baiana, juntamente a Mestre Pastinha, Mestre Valdemar da Paixão, Mestre Bobó, Mestre Boca Rica, mestre João Pequeno, mestre João Grande, Mestre Moraes, Mestre Cobra Mansa, mestres que influenciaram a capoeira em Goiás, dentre estes alguns foram influencias importantes conforme descreverei nos capítulos seguintes.

2.2. O Ritual e o Jogo da Capoeira Regional



Foto: Roda de Capoeira Regional do Grupo Muzenza. Disponível em: <http://acieg.com.br/grupo-muzenza-realiza-aula-de-capoeira-no-shopping-estacao-goiania/>. Acesso em: 16 fev. 2017

O Ritual da Roda de Capoeira Regional surge na cidade de Salvador–BA. Foi sistematizada por Manoel dos Reis Machado ou, (Mestre Bimba), primeiramente denominada como Luta Regional Baiana, esta modalidade foi reelaborada a partir de sua gênese, a Capoeira Angola. O seu fundador, acreditava que a capoeira estava perdendo seu caráter de luta marcial.

Compondo a velha guarda de capoeiristas de Salvador – BA, Mestre Bimba deixou importantes contribuições para a capoeira, além de projetar a capoeira no Brasil, este mestre ensinava a partir de regras de conduta como: não beber, não fumar, utilizando a disciplina como forma de o capoeirista ter mais aproveitamento de seu corpo, tendo saúde para o melhor desempenho no jogo da capoeira.

A partir de seus ensinamentos o mestre acreditava que o capoeirista deveria não sofrer alterações em seu desempenho e também, em sua consciência no momento do jogo, tanto dentro como fora da roda. Defendia que o capoeirista não deveria demonstrar todas as suas técnicas, pois para ele, a surpresa era a principal arma para quem desenvolvesse esta arte.

Para Mestre Bimba era importante praticar a capoeira, conhecer os seus fundamentos e ampliá-los todos os dias e não dispersar durante as aulas, manter o corpo relaxado, ficar o mais próximo do seu adversário se possível, pois dessa forma os movimentos do capoeirista poderia se desenvolver com habilidade e eficiência.

Estas definições que se encontram em REIS (2000), descrevem informações significativas no processo de formação da Capoeira Regional no Brasil, contribuições que retratam papel da Capoeira Regional no processo de descriminalização da capoeira, sendo que esta, até então, era considerada um crime e permanecia localizada no código penal.

O Ritual da Roda de Capoeira Regional também começa com a ladainha e segue o curso com o corrido, mas algumas diferenças devem ser apresentadas aqui, os dois capoeiristas são autorizados pelo “gunga” a desenvolvem o jogo, mas podem ser interrompidos com a compra de jogo por um capoeirista com mais experiência. Sendo indicado nas cores das cordas, amarradas a cintura.

Num jogo de relações de poder que tradição, legitimidade, sociedade configurava-se o campo e se relacionam em seus vértices, podemos refletir papel significativo da capoeira a partir da diplomacia encontrada por Mestre Bimba no Governo de Getúlio Vargas, conseguindo legitimar a capoeira como Esporte Nacional, em momentos que a Capoeira Angola estava quase extinta.

O Ritual do Jogo da Capoeira Regional é se constitui por aspectos de sua gênese que foram aperfeiçoadas para o combate marcial, obtendo particularidades nas movimentações que são constantes pela ginga alta, onde o jogo deve ser centrado no ataque e pode ter pegadas com as mãos e a força pode ser fator relevante.

Na Capoeira Regional há uma ênfase nos golpes de definição, pois os movimentos devem ser traumatizantes com muita velocidade e exposição contra o adversário, sendo que, o contato pode definir o jogo entre os dois capoeiristas. Quando não há espaço suficiente para se movimentar, o capoeirista deve usar golpes cinturados ou ligados ao seu adversário, tocando o corpo do outro. Nesta modalidade, o alvo é a cabeça e o peito, sempre com a intenção de derrubar o outro, em geral, com a aplicação de golpes que levam para o chão, como a rasteira e a tesoura que são muito utilizadas para finalização.

Os toques de berimbau são redes de sociabilidade entre os grupos de capoeira, cantos, expressões, uniformes, estratégias, são formas de identificação, identidades de cada grupo ou, escolas de capoeira.

A musicalidade apresentada como os toques de berimbaus ensinados no Ritual das Rodas de Capoeira Regional por Mestre Bimba são denominados como: São Bento Grande Regional; Cavalaria; Banguela ou, Benguela; Santa Maria de Regional; Lúna; Amazonas e Idalina. Os toques podem ser aplicados de formas diferentes nos berimbaus, alterando sua composição pelos três diferentes berimbaus, ou seja, provocam particulares e variações que se diferem de grupos para grupo, por vezes, modificam-se a partir da nomenclatura, pequenas singularidades que não alteram a prática e o desenvolvimento do jogo, já que o berimbau tem duas notas, uma que dá sonoridade ao apertar a pedra ou, dobrão, e outra que ecoa a partir da ressonância do arame e a vareta livremente.

Seja na Capoeira Regional ou Capoeira Angola, a capoeira se apresenta como lugar de laços de cooperação entre seus integrantes, colaboração, integração, espaço de socialização de conhecimentos. Em algumas situações do jogo da Capoeira Regional, adotam-se as mãos em pegadas, tocando o adversário com a mão, com a intenção de deslocar do chão, nas rodas, são aprendidos e aplicados os saberes desta prática, nas rodas são testados os limites do corpo e as habilidades de improviso mediante ao combate.

Entre as duas modalidades de capoeira existem algumas diferenças nos cantos, expressões corporais, formas de se expressar como capoeirista, porém, isto não é entrave para que não desenvolvam o jogo, sendo que podemos encontrar “angoleiro” e “regional” dialogando no jogo, em uma mesma roda, pois a capoeira permite este contato.

3. A CAPOEIRA NA CIDADE DE GOIÁS

O surgimento da cidade de Goiás ocorreu em virtude da entrada das bandeiras paulistas em busca de apresar índios e ouro. A cidade tem relações estreitas com as histórias dos negros africanos escravizados trazidos como mão de obra no garimpo do metal (PALACIN 1976; 2008). Em 1682, encontrou o tão procurado ouro no pequeno afluente denominado como, “Rio Vermelho”, rio este que corta a cidade. Esses povos podem ter sido retirados das mesmas regiões de onde a gênese da capoeira teve as suas origens no continente africano (LOIOLA, 2009).

A cidade de Goiás localiza-se entre a Serra Dourada e o Morro Canta Galo, um cenário composto por casarões de pedra, cal e, algumas ruas de calçamentos de pedras e pontes que foram lançadas sobre o “Rio Vermelho” que corta a cidade. O clima que nos faz transpor o tempo, também é acompanhado pelas memórias, lembranças que fazem saltar das conversas cotidianas o imaginário dos moradores nos finais de tarde às portas de suas casas. “Eis que surgem os valentões da cidade de Goiás”.

3.1. Uma origem incerta?

Bem antes de a capoeira ser reconhecida pelas rodas como estamos acostumados a ver nos finais de tardes, na “Praça do Coreto”, já tinha sido experimentada sobre concepções bem diferentes na cidade de Goiás. A capoeira surge pela primeira vez, especificamente, como uma representação marcial, sendo utilizada como forma de defesa, contestadora, posteriormente organizada em grupos, entre o que os relatos da memória emergem como os golpes dos “*valentões*” e articulações de “grupos rivais”, “*maltas*” que se articulavam, travando combates violentos em seus confrontos, em função da delimitação de suas áreas dentro do território desta cidade.



Roda de Capoeira Angola na Praça do Coreto, Karla Alessandra Alves de Souza, 2002.

Os primeiros personagens que saltam das lembranças de nossos depoentes fizeram com que esta pesquisa fosse refletida a partir dos mecanismos de análise e estudos da História Oral (MEIHY, 2000), com a objetivação de analisar estas lembranças. Nesse sentido, as memórias tornaram-se fontes potenciais, relevante para que fossem encontrados os primeiros vestígios da capoeira nesta cidade, antes de 1986, ampliando as abordagens por meio da memória que defendem alguns estudiosos, serem significativas para a própria manutenção e coesão de determinados grupos (BOSI, 1994; NORA, 1993; HALBWACHS, 1990). Ainda segundo estes autores, um poder inspirador que evoca de objetos, lugares, gestos, expressões e da própria memória coletiva.

A primeira vez que a denominação “capoeira” aparece na literatura da cidade de Goiás é feita pela autora *Regina Lacerda*, que a descreveu como: “capoeira” em seu trabalho: *“Vila Boa História e Folclore”*. Esta autora somente se preocupou em abordar o significado da palavra “capoeira” dentro de um contexto em que a manifestação era marginalizada no território da cidade.

Um tipo de jacá, mais alongado e de menos diâmetro, com tampa, destinado a transportar frangos e galinhas. A tampa é resultante do prolongamento de uma das partes do tisque. A capoeira é transportada da mesma maneira que o jacá, porém em sentido horizontal. O nome se teria originado de “capão” ou, seja, o frango castrado. (LACERDA, 1977)

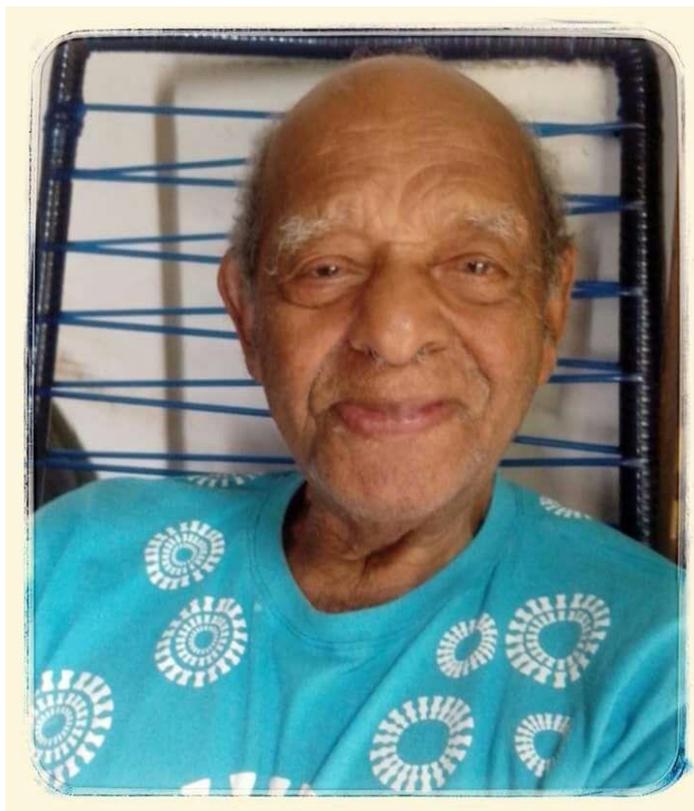
Durante décadas, foram as concepções de marginalidade que desenharam os malabarismos e as proezas das acrobacias corporais da capoeira nesta cidade. Ela era tida como uma forma de defesa, uma luta mortal que foi sendo configurada pelas “*rasteiras, cabeçadas e ponta pés*” que lhes davam significado nas ações desafiadoras dos “*valentões*” e, posteriormente, nos combates travados pelos “*grupos rivais*” ou, “*malta*” que aconteciam entre os becos, ruas, morros e bairros antigos da cidade de Goiás.

Foram nos depoimentos e memórias que se encontraram as nossas primeiras pistas da História da Capoeira na cidade de Goiás. Nas lembranças que datam “1945” que vão traçar e dar direção às nossas fontes orais iniciais. Porém, continuam submersas num profundo rio de incertezas o seu surgimento, pois os poucos estudos já realizados não demonstram como realmente se deu o processo de inserção da capoeira nesta cidade.

O primeiro esboço oral que nos permitiu identificar a representação da capoeira no território desta cidade aparece nos depoimentos sobre os “*valentões*”, retratados nas lembranças e memórias que traçaram os golpes, “*rasteiras, cabeçadas e ponta pés*” desferidos contra as autoridades policiais no interior de uma sociedade que tinha como representante do poder, a figura dos coronéis, no período da camaradagem, ano de 1945.

Época dos coronéis e dos camaradas era época dos valentões... Foi em 1945. Foi a época que eu assisti Goiás, foi essa época dos valentão que tinha aqui, era Domingão, era o Tarzan, esses são os dois mais perigosos que tinha aqui em Goiás. Soldado não prendia eles fácil, por que eles eram muito espertos e valentes, eles brigavam com soldado, dava pelada em soldado, dava cabeçada. Soldado ia levando eles, corria, deixava soldado na mão e ia embora. Subia a carioca ai e ia embora para a roça. Era desse jeito que foi acontecido. (Manoel Ferreira Rafael, 2006).

Na fotografia abaixo, Sr. Manoel Ferreira Rafael ou, (Mestre Puiho) que é irmão de criação de José Estevão sendo, segundo eles, agregados em uma grande fazenda de latifundiários da cidade. Tendo uma relação histórica com a Casa da Câmara e cadeia, sendo esta atualmente sede do Museu das Bandeiras, levava comida para os presos deste sistema prisional de sua época, foi de extrema importância para que encontrássemos em suas lembranças, os primeiros vestígios da capoeira nas manobras de “Tarzan” e “Domingão”.



Manoel Ferreira Rafael
Foto: Patrícia Mousinho, Janeiro, 2016.

Entre os depoimentos de José Estevão e Manoel Ferreira Rafael ou, (Mestre Puiho), encontramos coesão que alinham se sobre a presença da capoeira na cidade de Goiás, ter ocorrido bem antes da construção da cidade de Goiânia, GO. Segundo eles, eram práticas dos “*valentões*”, pessoas que travavam combates com a polícia local.

Aqui o povo antigamente falava que o Tarzan era valentão, eu entendo que ele era capoeira na cidade, também falam os mais antigos que nós, que já existia capoeira aqui, bem antes de nós, num é Puiho? Falam que eles faziam suas demonstrações lá no mercado! Mas isso é de bem antes da gente, agente não conhecia os que gostava da coisa, por que isso era perseguido, era marginalizado, coisa de preto, eu tive um filho que era vate na capoeira, Hernandes, hoje tem Chuluca que é mestre, a primeira vez que vi o berimbau, foi na parede da minha casa la na Rua Cambauba, do meu filho Hernandes. (José Estevão, 2006).

Nesta fotografia abaixo, Senhor José Estevão que era pai de Hernandes e Estevão Gomes de Sá, que sempre se lembra de seus filhos com carinho, relatando a partir de seus depoimentos, duas gerações de capoeiristas da cidade de Goiás.



José Estevão
Foto: Patrícia Mousinho, Janeiro, 2011

Os golpes da capoeira aparecem, neste primeiro momento, como uma manifestação desafiadora à ordem social, ou seja, em que ser “*valentão*” era característica de um homem perigoso, com seu lugar bem definido na sociedade, vigiado sob o olhar repressivo do sistema social que tinha na Lei Seca a sustentação do espancamento como forma de punição imediata a qualquer forma de contestação.

Os “*valentões*” são retratados pela oralidade como pessoas perigosas, que mesmo com a repressão das autoridades não eram silenciadas e aparecem sempre nos depoimentos como homens que desafiavam. Nas lembranças de *Manoel Ferreira Rafael*, a polícia era despreparada e não conseguia conter as ações dos valentões, ao descrever com exatidão as movimentações corporais que eram utilizadas por “*Tarzan*” e “*Domingão*”. Assim, foi possível identificar os golpes de capoeira, vividos pelos valentões que não temiam os espancamentos legitimados pela “Lei Seca”.

Os valentões eram gente perigosa. Brigava com a polícia, brigava tudo e polícia não dava conta de prender eles, por que a polícia não era preparada. Era muito lerda tudo, não era preparado e não tinha carro para levar preso não, levava era a pé. Então o que acontecia, um soldado do lado, o outro do outro e o preso no meio. E o preso fazia com os dois assim, e ó! Corria e

não dava conta de pegar, ia embora e ai eles brigava, passava o pé no soldado, derrubava, dava cabeça no soldado, derrubava. A briga deles era essa ai, não tinha negócio de tiro, nem nada não, era de mão mesmo, que eu lembro disso. É isso que eu lembro. A época dos coronéis e dos camaradas foi a época dos valentão na cidade de Goiás”. (Manoel Ferreira Rafael, 2006).

Na oralidade, foram encontrados os primeiros vestígios que fizeram saltar, por entre becos, ruas, bairros, morros, os golpes e destrezas da capoeira nos “*ponta pés, pernadas, cabeçadas e rasteiras*”, de nossos personagens “*Domingão*” e “*Tarzan*”, que com audácia, numa força descomunal e muitas vezes sobrenatural, instigavam os policiais com seus movimentos corporais que permitiram identificar a presença da capoeira, como luta e defesa, que aparece enquanto uma arma eficiente e temida.

O Domingão passava o pé nos soldado tudo, fugia e ia embora para a roça e o outro brigava, ficava na cidade, depois fugia e ia embora para roça também. Soldado não prendia eles fácil não, era difícil, agora teve um que ficou preso aqui ó! (Casa de câmara e cadeia) o Tarzan. Esse ficou preso aqui na cadeia, saia hora que queria, saia no meio dos soldados e ia embora, e chegava a taca nos soldados. E ele furou isso aqui, saiu! (Parede da Casa de Câmara e Cadeia). Saia pela porta, prendeu ele na enchovinha aqui. Ele parecia que tinha uma parte com ele, sabe? A parte com aquele bichinho, né? Eu não gosto nem de falar o nome daquele trem. Eu conheci eles nessa época também, eu tinha uns quatorze anos. Assim, eu conheci esse povo, aqui nessa cidade e o povo tinha muito medo desse povo, eles eram valentes, né? As mulheres fechavam a porta, quando falavam, em vem o Tarzan. Eles fechavam a porta. (Manoel Ferreira Rafael, 2006)

Com as lembranças de “*Luíza do Carmo*”, foi possível traçar o perfil de “*Tarzan*”. Ele aparece no depoimento com alguns poderes sobrenaturais, características que acompanhavam os capoeiristas do passado da “capoeira escrava”, conseguindo retirar as algemas, fugir sem ser visto e executar fugas da cadeia, causando medo nas pessoas. O “*valentão*” que enfrentava a polícia, mas que também aparece como um personagem galanteador, sedutor das mulheres de família, movimentando pelo território da cidade com suas serenatas por debaixo das janelas.

O Tarzan fazia pavor aqui. Todo mundo tinha medo dele! Todo mundo tinha medo dele! Por que ele era valente, soldado disse que prendia ele, ele saia naturalmente lá na cara de soldado, descia a calçada, ele descia naturalmente lá. Hoje não sei se tem, mas tinha uma calçada que ficava lá em cima (Casa de câmara e cadeia), descia junto com soldado, não vem que não tem! Não vem que não tem! Ai que que eles faziam: eles pegavam e punham algemas nele, punha algema nele, ele saia, assobiando,

cantando, tinha uma voz bonita! Tinha uma voz bonita! Saia cantando, assobiando, chegava adiante, hum! Fica aí! Algemas ficava. Ninguém entendia por que ele tirava as algemas, mas era assim. Quando ele começava a andar, por que ele andava na cidade tudo, você conhecia o assobio dele, corria e fechava a porta, todo mundo! Por que ele tinha um negócio de fazer serenata, chegava na janela e cantava! Cantava! Tinha uma voz bonita, mas com agente mesmo, com as pessoas assim, ele não fazia nada não. A gente tinha medo, por que sabia que ele não era certo, não respeitava a polícia, soldado não aguentava ele, nem algema segurava ele. Polícia tinha medo dele, lá onde era a cadeia, onde é o museu. Ele era moreno, “tiposo”. Ele era bonitão, sabe! Bonitão mesmo! Ele sumia por que ia para qualquer lugar. Todo mundo fechava a porta, com medo. Eu mesmo tinha medo demais dele. Só andava assobiando, cantando. Agora a polícia tinha medo dele, ele era forte, morenã forte, qualquer coisa ele descia braço e ele não tinha nada de atirar não! Nem de bater não! Era o braço mesmo! Na época dos valentões, o que eu mais lembro era do Tarzan, era moço bonito, forte, atrevido, cantador, galanteador nas janelas, por isso a polícia sempre implicava, o costume da época era outro, as moças eram vigiadas, mas as mulheres assim, mais pobres ne, tinham alguns ofícios para sobreviver, tinha mulher que era pegadora de água, outras eram lavadeiras de roupa de ganho, assim, para ganhar um vintém ne? Pegadora de capim, por que vendia o capim para fazer coxão, as mulheres da rua do capim faziam isso, minha tia Ritinha, Ana Caetano, Maria do Rosário, Maria Matilde, eu morava lá na Rua do capim, por isso lá ficou conhecido como Rua do Capim, por que era uma forma das mulheres ganharem dinheiro, tinha muitas brincadeiras que as meninas inventavam, baliza, eu era boa mesmo, por que tinha os dedos finos, ganhava todas, mas agente inventava, eu aprendia a costurar, costurava as bonecas para todas nós. Na casa de tia Ritinha, era a festa do Cururu de prato, tinha catira, congo, era bom, minha tia era uma pessoa muito boa, o cururu era na Rua do Capim, era lá na casa de minha tia Ritinha, juntava Maria do Rosário, Maria Matilde, Ana Caetano, aquelas mulheres da rua esperava esta festa com louvor ne Puinho?. (Luiza Gomes do Carmo, 2006).

Nesta fotografia, Dona Luiza do Carmo, uma das depoentes a relatar as manobras de Tarzan, que aparece sempre lembrado com graça e humor pela Dona Luiza. Em seu depoimento, aparecem informações preciosas que remontam o cotidiano da cidade de Tarzan, demonstrando alguns ofícios que algumas mulheres faziam em sua época, comportamentos, brincadeiras, jeito de fazer nesta cidade, mas também como as pesas desta viviam em sua época.



Luiza Gomes do Carmo
Foto: Patrícia Mousinho, Janeiro, 2014.

Mesmo vigiados pelo olhar repressivo das autoridades policiais e o perigo das punições, os valentões viveram numa época em que os negros e pobres tinham seus lugares bem definidos na sociedade, tendo como representantes, no poder, uma elite branca de coronéis e herdeiros de sobrenome que demarcavam as fronteiras sociais e territoriais pela cor da pele. Neste cenário, surgiram as concepções iniciais da capoeira como fenômeno de resistência de figuras representadas pelos “valentões”, além da presença do ódio racial.

A praça do coreto era o Jardim que tinha lá. Até hoje tem o Jardim lá! Era fechado, não era aberto do jeito que está lá não. Tudo fechado! Tinha o guarda noite que abria o portão, fechava, abria, tinha as horas de sair, tinha as horas de entrar, tudo tinha horário. Eu conheci o Jardim foi deste jeito e lá tinha uma coisa, a cor negra não misturava com branco não. Era diferente. Eles não aceitavam que o negro entrasse na roda deles de jeito nenhum, isso é que eu falo, o preconceito já vem de muitos anos e eu acho que isso não caba, não acaba nunca! Para mim não! Não acaba! Foi nessa época que eu conheci o Jardim lá. Áaas moça lá para namorar, tinha os banco para sentar, tinha hora para sair, tinha hora para entrar, tudo era “choferado” pelos pais e as mães. A hora minha filha você tem que estar aqui em casa para dormir! Então, eu era um dos que ia chamar as meninas do quem me criou. Ó! Padrinho está chamando vocês, para vocês irem embora. Aí elas iam embora. O trem era severo, tinha horário para entrar, chegar e sair, e o guarda noite, também queria embora para dormir, fechava

e ia embora. Naquela época era muito diferente, tudo plantadinho, cheio de rosa, não era feio do jeito que está lá não... Quem mandava em Goiás, era os Caiado. Não tinha Goiânia ainda não! (Manoel Ferreira Rafael, 2006)

Os camaradas “*Tarzan*” e “*Domingão*” são retratados como pessoas perigosas que enfrentavam vários policiais ao mesmo tempo, causando medo nas pessoas ao passar pelas ruas da cidade, sempre cantando em baixo das janelas, assobiando pelas ruas e becos, temidos pelo fato de lutarem com as autoridades e contestarem o sistema, porque não temiam leis e tampouco tinham medo da repressão ou do espancamento. Nestas lembranças, emergem as imagens do capoeira malandro, do capoeira “*valentão*”, desordeiro, bom de briga, malicioso e mandingueiro.

Nessa época, eu vivi nessa cadeia. Lei, era a Lei Seca, lei de espancamento, prendia e ficava no pau... O Tarzan, é! Ficava preso aqui até o tanto que ele queria, depois que ele não queria ele saía, ia embora, soldado parece que nem via ele, brigava com soldado, batia no soldado, derrubava soldado, soltava cabeça no soldado. Ele era muito valente, né? Perigoso também! Por que as mulheres tinham muito medo dele. Saía para a rua assim, quando chegava, em vem Tarzan lá! Todo mundo fechava a porta de medo dele, pois é... Foi assim, ele saiu dessa cadeia até pela porta, soldado estava aí. Ele saiu pela porta assim, foi embora, ele foi morto pela própria polícia, fuzilão nele matou ele. (Manoel Ferreira Rafael, 2006)

O perfil que desenha a figura dos “*valentões*” nesta cidade, embora não apareça o termo “capoeira” nos depoimentos que tratam sobre história de “*Domingão*” e “*Tarzan*”, surge somente na década de 1970, nas ações do último “*valentão*”, no personagem “*Hernandes de Sá*”. Características comuns que os associavam pelos golpes ditos no depoimento de *Manoel Ferreira Rafael*.

Os depoentes também descrevem o cotidiano da cidade, personagens, comportamentos, formas de sobrevivências ao denotarem a presença dos valentões, camaradas, capangas, coronéis e, também, ofícios de pessoas ocultas na história desta cidade.

Eu, Puinho, Bastião, era criado da família dos Curado, naquela época agente era obrigado a trabalhar, pra ir numa festa tinha que pedir e tinha hora pra voltar, tinha vez que eles era mau, batia na gente atoa, ne Puinho? Agente não podia nem reclamar, pagava quando eles queriam, era agregado, era camarada, nessa época era os camarada, os capanga dos coronéis, os agregados nas fazendas, e tinha os valentões, eles que tinha essa coisa de capoeira, não existia conta no banco não, o patrão e o camarada tinha acordo, se ficava devendo ele não saía da fazenda,

trabalhava para o patrão, eles que mandava em tudo, falasse que você tinha roubado ou tava devendo, já ia preso lá onde era o museu hoje, lá esquecia você, lembra de Tarzan, domingão Puinho? Você levava comida lá na cadeia Punho, você lembra deles ne? (Estevão de Sá).

Diferente do conceito sobre o sertanejo apresentado por José Bento Monteiro Lobato em sua obra “Urupes”, criando o sujeito “caipira” despido de conhecimentos, improdutivo e, também não dotado dos mecanismos da língua para se comunicar, em outro autor da cidade de Goiás, este mesmo sertanejo aparece bem diferente da visão que Monteiro Lobato. Na obra “Tropas e Boiadas” de Hugo de Carvalho Ramos, o sertanejo aparece tendo a camaradagem como fator relevante, lugar de camaradas, capangas, coronéis, homens e mulheres que compunham o cenário da camaradagem, território de camaradas, agregados e território dos valentões que ressaltam os depoimentos de Manoel Ferreira Rafael e Estevão de Sã.

Naquela época, tinha os camaradas, aqueles que trabalham para o patrão, tinha os valentão, bom de capoeira, brigão, gente que o povo tinha medo, tinha também nós, camarada, agregado que trabalhava na fazenda das família daqui, dos coronéis, é tempo antigo, agente era menino e já trabalhava. Eu, compadre Bastião de Sá, Zé Estevão, Castelo, era muita gente, por que eles chegavam nas famílias mais pobres e tomava os menino pra trabalhar, era quase uma escravidão, por que dinheiro não tinha não, o patrão pagava quanto queria e quando queria, tirava leite de duzentas vacas de manhã, a tarde no engenho, tinha gente pra vender leite na cidade, tinha gente pra trabalhar no engenho, tinha gente pra tirar leite, tinha gente pra cuidar da fazenda inteira. Nois foi criado pela família de curado, os curado era forte como os Caiado aqui. Ainda tinha uma coisa, eu morava na casa deles lá no largo da Igreja do Rosário dos Pretos, lá era minha infância, quando minha avó morreu, eu fui levado junto com os outros para a roça para trabalhar, por que o que valia não era ir para a escola, era trabalhar, as meninas ficava na cidade, ia pro convento, ia trabalhar nas casas das patroas, sendo pegadeira da água, cozinheira, fazer faxina. Era difícil, fala ne capoeira aqui era coisa que não podia não, era tudo no regime deles, por isso que valentões era mais reconhecido para os homens bons nos pés, bons de capoeira. (Manoel Ferreira Rafael).

Nos depoimentos de Manoel Ferreira Rafael aparece às dificuldades para a sobrevivência, a valentia dos homens e mulheres para sobreviver nesta cidade e no sertão. Diferente do “caipira” descrito por Monteiro Lobato, o sertanejo delineado por Hugo de Carvalho Ramos é um ser forte, produtivo, inteligente ao ponto de cortar a mão, ao ser picado por uma cobra para não morrer.

Uma vez eu estava tirando lenha e o machado lavrou na madeira e pegou meu dedo, foi nesse momento que eu pensei que ia morrer, àquela coisa saindo sangue sem parar, eu longe de casa, por que estava cortando a madeira para fazer roça, foi meu dedão do pé. Estava sozinho e de lá, ate a

cidade foi um sofrimento, era uma vida difícil viu. Eu coloquei cinza e amarrei com a camisa, quando cheguei em casa que Luiza viu, nossa, Sérgio foi correndo chamar de cavalo o vizinho, ate chegar na cidade de cavalo, quase morri, mas agente tinha força e fé. Essa época era bem diferente, antes de Getúlio Vargas, era os coronéis quem mandava ne tudo, prendia, batia, se desrespeitasse ia pro pau. Na cidade tinha alguns trabalhos que hoje já não tem mais, carregador de lenha, por que a lenha era comprada, vendedor de costela, por que a costela era vendida no cavalo, tudo vendido no lombo do burro, vendedor de tripa de porco, vendedor de bolo de arroz, vendedor de puxa, um doce gostoso que agente comprava com muita dificuldade, quando ganhava um quebradinho ou quando a meninada entrava na Igreja do Rosário pra pegar o dinheiro do santo, a puxa era gostosa e agente ficava doido para comprar viu, mas se pegasse, nossa, teve uma vez que só deu falar, uai padrinho! Eu apanhei, Zé Estevão, só de comprar doce e não pagar, o cobrador ter ido cobrar no patrão, ele tomou uma surra de couro, taca de bater em cavalo, era lei de espancamento mesmo. (Manoel Ferreira Rafael).

É neste contexto que a capoeira aparece pela primeira vez nas lembranças tendo como referências os golpes, semelhanças que permitiram identificar a manifestação da capoeira nas memórias dos depoentes, personagens que saltaram com agilidade nas movimentações que eram desferidas contra seus adversários, retratadas como as “rasteiras” ou, “peladas” que eram dribles que nocauteavam os adversários ao chão, “pernadas” que eram “ponta pés” e, também as “cabeçadas”, arma mortal.

A oralidade permitiu identificar a presença da capoeira, existente já em 1945 e, também, permitiu evidenciar, pelas lembranças memoriais de *Manoel Ferreira Rafael*, o primeiro grande retrato da manifestação da capoeira, tendo como significado a representação de luta e defesa dos “valentões” no território desta cidade, num ato ousado de contestação às autoridades policiais da época dos coronéis e camaradas.

Estes depoimentos nos permitem evidenciar que a história da capoeira no território goiano, diferentemente do que os historiadores mostraram até o momento, já havia se construído por este território de Goiás. Bem antes de ser introduzida como uma prática cultural educativa ou uma simples forma de atividade física praticada nas academias, situação esta que toma forma de arte e educação a partir de 1986, através dos grupos que foram se formando na cidade de Goiás.

Lembrada sempre com alguns elogios ante as habilidades e as destrezas do corpo nos combates travados contra as autoridades policiais e, em outros momentos, com alguns poderes sobrenaturais, a capoeira dos “valentões” teve seu

fim representado pelo seu último personagem, “*Hernandes de Sá*”, o primeiro capoeirista a aparecer, nesta cidade, utilizando o berimbau. *Hernandes de Sá* deixou o cenário da vida, precocemente, em uma morte acidental de carro, no ano de 1978.

Hernandes era filho de um irmão meu, era meu sobrinho. Esse, também, era outro que passava o pé e derrubava todo mundo. Ele estava trenando capoeira, fazendo capoeira, ele trabalhou nisso, eu conheci ele era só nisso aí... passando o pé na gente. Capoeira tem esse negócio, né? Só pé, vira, cabeçada também, derruba. *Hernandes* era um rapaz, bom corpo fisicamente, ele era da parte de nego. Nós todos somos negros, eu, Zé, todos somos negros! Então, é dessa parte nossa, negro. *Hernandes* era meu sobrinho... *Hernandes* era um sobrinho meu, filho de meu irmão, Zé Estevão. Era filho dele, eu me lembro muito bem que ele brigava com a polícia também aí, ó! Ele também era esperto também, ele mexia com esse negócio de capoeira também, parece que ele trenava de capoeira, por que ele era muito esperto na capoeira. É... Ele brigava mais só de pé! Só de pé! Passava o pé e derrubava e ele era filho de Zé estevão meu irmão. Eu não sei que aconteceu com ele que... Faleceu, né! Ele e filho de Zé de Isaac, de desastre. Carro tombou com ele, matou ele. Que eu lembro de *Hernandes* é só isso aí! Meu sobrinho... Ele era novo, filho de Zé Estevão, meu sobrinho... Ele era mais velho que Chuluca, né? Chuluca era mais novo, mas Chuluca é pouco tempo que ele vem mexendo com capoeira, né? *Hernandes* já vinha muito tempo mexendo com capoeira, desde menininho novo. Ele gostava de capoeira, mas ele não tinha medo de polícia não, brigava mesmo! É o último que eu lembro dos “valentão” de Goiás. Goiás tem muitas histórias... Não é só essas coisa não... Tem muitas histórias (Manoel Ferreira Rafael, 2006).

Foram nas lembranças de *Manoel Ferreira Rafael* que se encontraram o relato do último dos “*valentões*” representado pela figura de “*Hernandes Sá*”, filho de seu irmão “*José Estevão de Sá*”, sinalizando para que pudesse afirmar que a capoeira já existia no tempo dos “*valentões*” nesta cidade, ao afirmar que “*Hernandes Sá*” era um “*valentão*”, o depoente descreve que a mesma destreza de “*Tarzan*” e “*Domingão*”, também era conhecedora de “*Hernandes Sá*”.

Essa época eu tinha uns quatorze anos, era só rapaziada que brigava, inclusive eu também brigava com o povo do lado de cá também. Brigava um terno contra outro, daqui para lá não podia saltar o rio que nós pegávamos eles! E não podia saltar de cá, senão eles pegava. Corria esse Goiás tudinho aí, a briga era essa! De uma rapaziada contra a outra, não ía preso por que era tudo rapaziada, brigava de tirar sangue mesmo, murro mesmo, pelada, cabeçada, era coisa de briga mesmo, pois é! Essa época era assim. (Manoel Ferreira Rafael, 2006).

O depoimento de *Manoel Ferreira Rafael* sobre “*Hernandes Sá*” ser um “*valentão*”, na década de 1970, vai de encontro com o depoimento de “*Estevão Gomes de Sá*”, irmão de “*Hernandes de Sá*”, que traz na memória lembranças sobre a capoeira nesta cidade.

Hernandes era meu irmão. Foi assim, a primeira pessoa que eu vi falar de capoeira, né! Ele morreu em 1978, com vinte e dois anos. Eu tinha oito, eu tenho uma lembrança dele ainda. Eu acredito que ele aprendeu capoeira em Goiânia, por que ele morou em Goiânia, mas com quem ele aprendeu? Assim... eu não sei com quem ele aprendeu. Também não lembro de ver ele jogar capoeira, mas eu lembro dele fazer berimbau. Na rua era ele, tinha o Lafaiete, tinha o Leu, o Mamau, Bin na Coxa, que morava lá na rua de casa. Eu lembro deles fazendo berimbau, mas ver ele jogando capoeira, foi uma coisa que nunca vi! Foi a primeira pessoa que me lembro dessa história de capoeira aqui na cidade de Goiás. Foi esse meu irmão. Eu lembro que depois que ele morreu, tinha um berimbau dele que ficava no quarto lá de casa, mas é isso por que na época, era uma época que... Époça que eles gostavam muito de lutar, né? Essa coisa de briga mesmo! De lutar! Mas era o que eu lembro dele, é isso! Esse irmão meu. (Estevão Gomes de Sá, 2006).

Entre as décadas de 1945 e 1986, algumas mudanças ocorreram na utilização da capoeira no território da cidade de Goiás. A presença dos “grupos rivais” caracterizou uma nova articulação sobre a sua utilização, antes somente aplicada como luta, como defesa do indivíduo. Passara a ser uma articulação coletiva, importante para estas “*maltas*” na demarcação de áreas, vivida por entre becos, ruas, bairros e morros antigos.

Também outro significado aparece descrevendo os papéis sociais da capoeira como prática organizada, articulada, colaborativa no interior destes grupos rivais. Tratava-se do posicionamento das lideranças como forma de impor o respeito às “*maltas rivais*”, estabelecendo fronteiras, com contingentes que eram formados em torno de trinta a quarenta membros.

Mais uma vez, as oralidades e as memórias dos depoentes recordam e trazem estes “*grupos rivais*”, que aparecem como uma expressão de contestação coletiva, tendo a capoeira como forma de resistência, em meio a silêncios e punições, vindos das autoridades policiais no território da cidade de Goiás.

Na capoeira das “*maltas*”, assim como na dos “*valentões*”, não foi encontrada quais quer presença de mulheres. Assim, sobre uma breve reflexão da sociedade neste período, constata-se que, homens e mulheres tinham seus lugares bem definidos numa sociedade que tinha como representante do poder apenas representado pelas figuras masculinas.

A capoeira das “*maltas*” era uma manifestação que tinha como seu espaço territorial a cidade, e sua representação se dava pelos negros e pobres que

habitavam as regiões periféricas. Seu significado aparece nos golpes, na agilidade com o corpo, nos “*ponta pés, cabeadas e rasteiras*”, na valentia dos grupos organizados que, mesmo contra os policiais armados, realizavam “*miserês*”⁷ nos enfrentamentos, tendo somente o corpo habilidoso que percorriam becos e ruas tortas da cidade de Goiás.

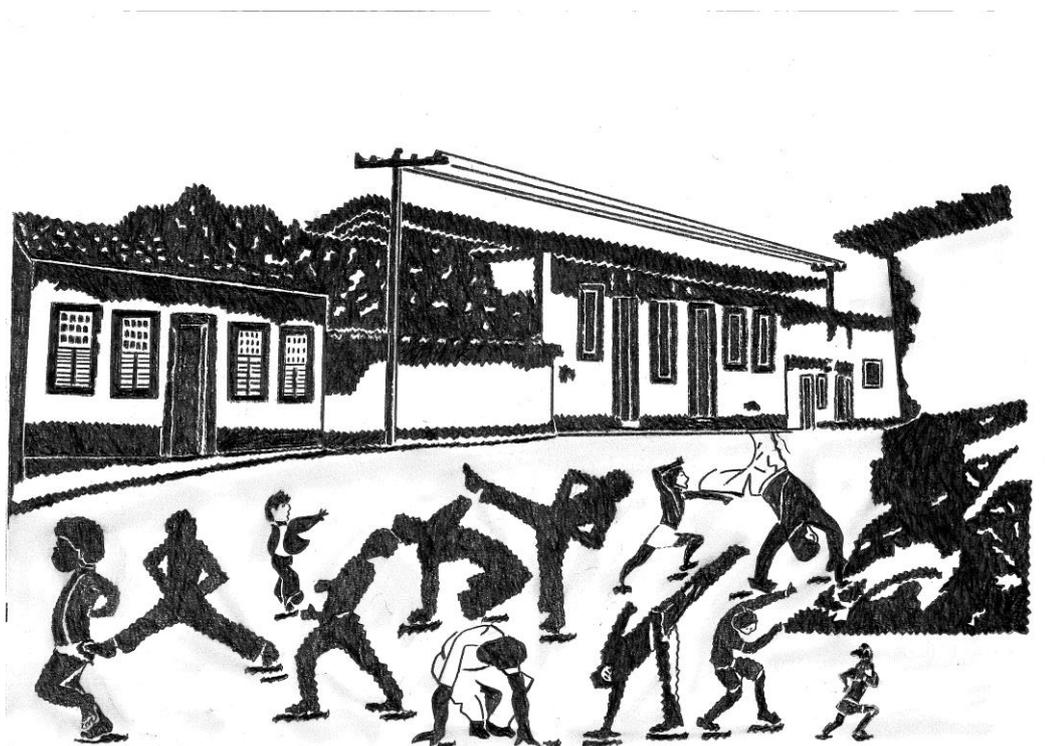


Foto: Ilustração das maltas em enfrentamentos no Bairro Carmo da cidade de Goiás. Desenho de Ângelo, Fevereiro/2016.

Aqui aproximamos da problemática de que a construção da legitimidade da capoeira no país está relacionada à construção do lugar social dos negros e pobres na sociedade brasileira (REIS, 1997). Porém, o que caracteriza uma nova representação da capoeira neste território são outros sujeitos, em um outro espaço, sob uma nova articulação, com o surgimento das “*maltas*”, que tinham como objetivo não a liberdade da escravidão, mas, tão somente, a inserção social.

A capoeira, nas “*maltas*”, era utilizada como elemento de articulação para a demarcação de suas áreas dentro do território da cidade, estabelecendo fronteiras não demarcadas pelas autoridades, afrontando os policiais, combatendo grupos rivais que constantemente tentavam invadir os espaços definidos e afirmados, ao

⁷ “*Miserês*”. Forma popular de expressar a eficiência dos golpes desferidos contra vários adversários.

passo que, também, desafiavam os representantes do poder de uma elite branca de sobrenomes e herdeiros do coronelismo.

As “*maltas*”, diferentemente dos “*valentões*”, traçavam suas fronteiras territoriais e elaboravam uma forma de poder paralelo, desafiador para a ordem social, pois causavam muitos transtornos às autoridades policiais, resistindo durante décadas.

Partimos da evidência que foi entre os “*valentões*” e, posteriormente, as “*maltas*” que a capoeira, apareceu como luta e defesa, sendo experimentada nas primeiras aventuras destes personagens no território desta cidade. Todavia, não podemos afirmar quando estas manifestações surgiram, mas temos os seus primeiros vestígios nas fontes orais desde 1945.

Nos depoimentos de “*Estevão Gomes de Sá*”, as “*maltas*” tiveram seu auge entre as décadas de 1970 e 1980, sendo totalmente extintas a partir de então. Restando agora, apenas as lembranças que a oralidade nos revela.

Essa rivalidade existia mesmo entre o lado do João Francisco e o lado de cá. Entre a turma de lá e a turma de cá, se a turma de cá, saísse e fosse para lá, tinha briga, se de lá vinha para cá, tinha briga. Mas nesse tempo, assim... eu era muito... era a época que eu tinha... essa rivalidade era muito assim, na década de 70, de 76, de 78, mas no período da década de 80 por aí, essa rivalidade, ela foi acabando, entendeu? Ela deixou de existir. Hoje em dia não tem mais isso, por que nessa época, na época dos anos 70, igual eu falei, as pessoas gostavam muito de lutar, de brigar mesmo, entendeu? (Estevão Gomes de Sá, 2006)

Em SILVA (1974), o seu clássico: “*Sombra dos Quilombos*” e, as “origens” da capoeira como fenômeno sócio e cultural, o autor explica que a capoeira na região de Goiás foi desenvolvida por meio de duas escolas de tradição baiana que migraram para Goiânia: “*O Terreiro de Capoeira Angola*”, de *Manoel Pio Sales (Mestre Sabu)* e “*Academia de Capoeira Regional Jôquei Clube*”, de *Mestre Osvaldo de Souza*, que esteve ligado a *Manoel dos Reis Machado (Mestre Bimba)*, fundador da “*Luta Regional Baiana (Capoeira Regional)*”, na cidade de Salvador-BA, em 1937.

Diferente da problemática sugerida por SILVA (1974), a partir deste estudo, não seria correto afirmar que a capoeira na cidade de Goiás tenha sido inserida como um processo contínuo a partir dos grupos, mestres e escolas de capoeira que surgiram posteriormente ao surgimento da cidade de Goiânia, pois a história da

capoeira é estreitamente ligada a luta dos negros e experiências vividas neste território, bem antes.

Esta descoberta sobre a história da capoeira na cidade de Goiás pode contrariar as concepções do autor e, sobretudo, aqueles que a defendem, além da tradição da capoeira que se constituiu por meio dos grupos, escolas e mestres na cidade de Goiânia-GO, pois os próprios discursos de contínuo que estes defendem devem ser repensados, como também pela historiografia, por se tratar de uma história de longa duração que dificulta a visibilidade destas histórias e personagens.

Não descrever a presença da capoeira dos “*valentões*” e a existência das “*maltas*” é cometer o risco de ocultar esta parte da História da Capoeira no Brasil, risco de uma história única, o que somente fortalece o silêncio na história da capoeira no território de Goiás. Seria o mesmo que negar a existência de grandes protagonistas que contribuíram para o surgimento desta manifestação na cidade ao se tratar de fatos que antecederam a introdução das escolas de capoeira em Goiânia. Ou seja, a capoeira já tinha vivido as suas aventuras num contexto diferente, trazida nos golpes dos “*valentões*” e “*maltas*” que existiram no território da cidade de Goiás.

No depoimento de *Fernando Antônio de Araújo*, um dos fundadores do primeiro grupo de capoeira numa concepção de capoeira arte, denominado como “*Grupo de Capoeira Quilombo*” fundado em 1986, o depoente descreve que uma das grandes dificuldades na formação do grupo de capoeira foi com as heranças deixadas pelas “*maltas rivais*”. Para Fernando, a capoeira é uma atividade educativa que em nada se equivale à capoeira encontrada nas “*maltas*”, e seu sentido só teve significado a partir da extinção desses grupos rivais e com as mudanças na concepção da capoeira como luta e defesa marginalizada, até então, pela sociedade.

A partir de 26 de Julho de 1986, com a fundação do Grupo Quilombo, foi dado o início da luta ideológica contra as “*maltas*”. Grupos rivais que existiam até então em alguns bairros da cidade, que se enfrentavam em brigas violentas, começaram a modificar suas concepções ao frequentarem as rodas de capoeira. O Grupo de Capoeira Quilombo teve que enfrentar resistência da polícia, pois coube a ele

demonstrar que estavam tentando modificar a imagem violenta que caracterizava a manifestação da capoeira no território da cidade de Goiás.

A capoeira na cidade de Goiás, ela começou por volta de 1986, dia 26 de julho para ser mais preciso. Naquela época a polícia enfrentava uma luta muito forte contra as maltas, grupos rivais que na cidade existia até então em alguns bairros dominavam e usavam capoeira para briga, quando se encontravam na noite, então estes grupos causavam brigas, discussões, e era muito violento naquela época e a gente enfrentava uma questão muito forte de resistência da polícia, por que a polícia achava que era esse grupo de capoeiristas que estava nascendo na cidade que estava provocando essa violência no município e, pelo contrário, a gente estava tentando mudar esse foco de violência na cidade de Goiás. (Fernando Antônio de Araújo, 2006).

Estes grupos que dominavam os bairros e morros da cidade causavam muitos transtornos no início, pois a polícia já tinha a ideia bem definida sobre a capoeira como luta e defesa entre estes grupos a que foram denominados como “*maltas rivais*”, concepções que surgiram a partir das experiências em combatê-las nas noites, a polícia não tinha boa ideia sobre a capoeira.

Segundo os depoentes, essas questões dificultavam o desenvolvimento da capoeira como “arte”, pretensão do “Grupo de capoeira Quilombo”, em 1986, pois a polícia, pelas experiências com estes grupos que dominava os bairros, tinha a capoeira como responsável pela promoção das ações violentas ocasionadas por “*maltas rivais*” que utilizavam as rodas para testar suas habilidades. Além disso, as “maltas” se sobressaiam, pelo despreparo e contingente inferior da polícia, pelas poucas viaturas, pela destreza dos componentes com o corpo, pelo conhecimento das rotas de fuga que os grupos tinham que sempre levavam em segurança aos seus territórios.

A polícia não dava conta de conter as maltas, por que naquela época o contingente era bem pequeno, tinha mais participantes, integrantes nas maltas que a própria polícia mesmo na cidade e o aparato militar era muito pequeno, viaturas eram poucas, policial muito despreparado, então era muito difícil. (Fernando Antônio de Araújo. 2006).

Em meados da década de 1980, a capoeira das “*maltas*” ou grupos rivais encontraram mudanças que levaram à sua extinção. Suas transformações se deram pelos novos significados nas suas representações, na reconfiguração do espaço de sua existência, que antes tinha o território da cidade como local de manifestação.

Neste novo momento, a capoeira surge tendo como limite o espaço da roda, com facilidade de identificação de seus praticantes pelas autoridades.

A capoeira era para a autoafirmação das “maltas”, normalmente eram os líderes que procuravam e levavam uns dois ou três para poder aprender também a arte da capoeira, mas quando chegavam a gente doutrinava essas pessoas. Então, a gente trabalhava a cabeça daquelas pessoas que não era só o corpo, a capoeira não é só corpo! Ela é dez por cento do corpo, noventa é a cabeça. Se você não tem cabeça você não joga capoeira, se você tem cinquenta por cento de corpo e cinquenta por cento de cabeça, você é meio capoeirista. (Fernando Antônio de Araújo, 2006).

Nos depoimentos de *Fernando Antônio de Araújo*, aparecem quatro grandes “maltas” organizadas e articuladas no território da cidade, entre as décadas de 1970 a 1980. Estes quatro grupos se juntavam e se dividiam em duas grandes “maltas” em certas ocasiões. Um dos motivos era devido às localizações nas áreas do território, tendo como fronteira as margens que o Rio Vermelho que delimitava ao cortar a cidade de Goiás.

O território aqui ele era dividido em duas partes, dividido pelo Rio Vermelho, que quem mora da margem do Rio Vermelho da margem direita, do lado da Igreja de Santa Barbara, da Igreja do Rosário, tinha uma malta, aliás duas que era a da Vila Lions e do Chupa Osso, que é o Alto de Sant’Ana, que é lá no pé do Morro das Lajes. Do outro lado do Rio, tinha o Bairro do João Francisco, praça Araguari. São essas quatro maltas que naquela época existia e quando encontravam “quebravam um pau” feio naquela época. Muita gente, questão de umas trinta, quarenta pessoas em cada malta e uma não frequentava festa nem bairro onde a outra malta dominava, né?! E a capoeira conseguiu dissolver essas maltas porque né, cada local que a gente treinava era um local que uma malta dominava e um integrante de uma malta treinava. Depois, a gente mudava, outro grupo entrava e assim a gente foi dissolvendo, pouco a pouco, essas maltas de arruaceiros na cidade de Goiás e hoje a capoeira é livre aqui na cidade, é conhecida como arte, não como uma coisa marginal, felizmente! (Fernando Antônio de Araújo, 2006).

As invasões de áreas demarcadas pelos grupos rivais desencadeavam ferozes enfrentamentos entre os dois lados. O primeiro registro sobre os combates entre o lado de cá e o lado de lá da margem do rio aparecem no depoimento de Manoel Ferreira Rafael que era membro de um dos ternos que se enfrentavam, quando tinha apenas 14 anos, em 1939.

Segundo o depoente, a fronteira era demarcada neste período pelas margens do Rio Vermelho, donde se localizavam as Igrejas de Santa Barbara, Nossa Senhora

do Rosário dos Pretos e o Largo da Carioca, território que entre os anos de 1970 à 1980, foi área demarcadas pelas “*maltas*” da “*Vila Lions*” e “*Chupa Osso*”.

Os grupos definiam suas áreas e criavam suas fronteiras bem definidas no território da cidade. O Alto do Morro das Lajes, Barreirinha do Norte eram as áreas da “*Malta Chupa Osso*”. Já a área que circunda o cemitério de São Miguel era a área da “*Malta da Vila Lions*”.

O território dessas duas “*maltas*” abrangia desde a Igreja de Santa Bárbara, Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos até o Largo da Carioca, formando um grande grupo, a “*malta do “Chupa Osso*”. Elas se juntavam pelo fato de se localizarem à margem direita do Rio Vermelho e pela necessidade de aumentar a contingente frente seus rivais.

Na margem esquerda do Rio Vermelho, na região da Praça do João Francisco e região da Praça Araguari era definida como as áreas das “*maltas*” do “*João Francisco*” e “*Araguari*” que praticavam a capoeira para a briga, o que descreve o depoimento de “*Creude Moraes Dutra*”, relatando que existir ainda rivalidade entre os grupos, mas que bem antes da sua época, já existiam as rivalidades e fronteiras de áreas no território da cidade, mas que se lembra bem entre as décadas de 1970 e 1986, o poder delas.

Os bairros eram muito divididos. Quando juntava o Pé Vermelho com o Chupa Osso era briga, mas quando juntava o lado de cá, que era briga contra o lado de lá, eles unia para brigar com a turma de lá. Tinha isso, tanto que a turma de lá não podia passar para cá, nem a turma daqui se passasse para lá também. “O pau pegava!” Então, tinha muito isso, quando topava, ai o pau pegava mesmo. Até quando a gente era menino que a gente passava para o lado de lá, tinha muita encrenca! Povo sismava até com menino do lado de cá! A maior turma dessa época, que eu lembro, era a da Araguari, que a Araguari juntava era para brigar, eles não ia para a festa para festar não, eles ai para brigar, e eles usava a capoeira para brigar. Eles treinavam a capoeira para brigar! Antigamente já existia isso! Então, quando eu fui sair, passear, já tinha este conflito de bairro contra bairro, do lado de lá contra cá. Quando isso surgiu este trem já é antigo, esta rivalidade eu não sei dizer quando surgiu, ela já existia. Na Praça do Coreto está divisão aparecia, era dividido. Quando você chegava lá, a parte da Araguari ficava sempre naquele canto do lado da Igreja ali. As outras partes, ficavam mais na de lá. Eles não eram encrenqueiros, mas se você brigasse com um era mexer com caixa de marimbondo. A polícia era despreparada, quando a polícia chegava, muitas vezes quando chegava, eles já tinham vazado. A polícia não interferia muito não, os lideranças aqui ó! Atrás do Cemitério quem mandava era, Branco, Rogério, Tico. Aqui no Morro da Laje era o Didi, Néelson, Diron. Então, quem mandava aqui no Alto de Sant’ Ana era eles, mas na Araguari, eu não sei citar o nome. Aqui também tinha dois muito temidos, era o Nica e o irmão dele o Zim Galinha, que treinavam a capoeira para brigar e naquele lote do quintal do Cristiano, que sai de frente para o cemitério, eles treinavam lá. Eu lembro quando eu

a sociedade com sua segregação pela cor da pele (o ódio racial) e pela condição social (separação pelas classes).



Foto: Praça da Liberdade (Praça do Coreto). Desenho de Ângelo, Fevereiro/2016.

A Praça da Liberdade era o espaço que as “*maltas*” definiam suas áreas de forma estratégica, marcando os espaços sempre com a finalidade de lhes facilitarem as rotas de fuga para os seus bairros e morros da cidade. Praça da Liberdade, frente para o “Beco do Mingu”, hoje Rua Maximiliano Mendes, na esquina abaixo da Catedral de Sant’Ana, espaço onde se juntavam as “*maltas*” do “Chupa Osso” e da “Vila Lions”. Nas esquinas, acima da Catedral de Sant’Ana, frente ao Palácio Conde dos Arcos, marcando as rotas de saída pela Rua Luiz do Couto e a frente a antiga Rua do Horto, hoje Rua Félix de Bulhões, espaço demarcado pelas “*maltas*” do “João Francisco” e “Araguari”.

O termo capoeira era muito utilizado por estes grupos, pois praticavam entre as décadas de 1970 e 1980, exclusivamente para briga. O termo capoeira não foi encontrado anteriormente à década de 1960. Contudo, com Hernandes de Sá ele aparece, embora a luta e defesa dos golpes da capoeira surgem bem antes, como uma força descomunal que permitirá agregar, articular, posicionar, aperfeiçoar os movimentos que existiam nos treinamentos, para estarem preparados para os

combates entre os grupos e, que já aconteciam nas margens do Rio Vermelho e Morros, anteriormente à década de 1960. Entretanto, a capoeira das “*maltas*” era uma ação diferente da dos “*valentões*”, pois não se tratava de apenas um indivíduo, mas de um coletivo constituído por lideranças.

O capoeirista das “*maltas*” oferecia mais perigo à ordem social pelo seu poder de agregação do que pelos golpes. O capoeirista era aquele que detinha o conhecimento dos movimentos, a rasteira, a cabeçada, o rabo de arraia, a arte de negar com golpes de corpo. Por mais que ameaçados pelas autoridades policiais devido ao preconceito e o ódio racial, o capoeirista era protegido pelo seu apelido e poucos podiam saber sobre os lugares exatos que estes atores sociais habitavam.

A capoeira nas “*maltas*” forneceu o espaço e a força para agregar, formar grupos que combatiam somente entre si, pois não percebiam seu poder articulador e de unidade de forças que somadas combateriam os problemas sociais comuns. Portanto, não podemos silenciar a força descomunal de articulação, colaboração, contestação, destes grupos que eram temidos pelas autoridades policiais, criando assim, um poder paralelo representado por suas lideranças, numa capoeira que até então, era tida como uma ameaça bem mais complexa para a ordem social.

Na esquina que leva à Rua Moretti Foggia, a esquina do antigo Casarão do Sobrado e, hoje, o prédio da Casa da Receita da Fazenda Estadual, era uma área em que nenhuma das “*maltas*” freqüentava, pois eram espaços ocupados pelas elites herdeiras dos antigos coronéis e famílias bem sucedidas economicamente na sociedade. Era este o território das famílias tradicionais de sobrenome, filhos de fazendeiros onde visivelmente não permitiam a presença de negros e pobres que compunham a maioria da população da cidade de Goiás nos anos de 1970 à 1980.



Os movimentos da capoeira entre os combates das maltas ou, grupos rivais na cidade de Goiás Desenho: Ângelo Rizzo, Fevereiro, 2016.

É preciso relatar que a capoeira dos “*valentões*” e os “*grupos rivais*” emergiam com representações em lugares bem definidos nos espaços da cidade. Ao observar a localização destes no mundo social, percebe-se que a capoeira, também se configurava como uma prática de pessoas perigosas, num “campo simbólico” de relações de poder herdado da colonização, emergindo temas como o racismo, as identidades culturais, que ecoavam destas manifestações formas de resistências que eram reelaboradas a partir das ressonâncias da escravidão, relações de poder que demonstravam o ódio racial sobre as culturas de matriz africana, ou de inserção de seus descendentes, onde as relações de poder destacam uma história que o poder perpassa numa elite branca, hereditária, que buscava minimizar e silenciar esta cultura de sua participação na construção da sociedade (TAMAZO, 2000).

Os “*valentões*” e as “*maltas rivais*” eram também lembrados como ações desafiadoras as regras sociais da época, aparecendo como perigo para as moças de boa família, que certamente tinham seus casamentos forjados. Os valentes praticantes de capoeiras eram galanteadores ferozes em suas batalhas, boêmios,

fortes, de cor, ágeis nos pés, habilidosos e bons de briga como já vimos nos depoimentos.

Em 1986, a capoeira dos “*grupos rivais*” chegava ao seu fim com o surgimento de uma nova concepção sobre a manifestação da capoeira no território desta cidade. Era inevitável que as influências externas chegassem a esta cidade cercada pela Serra Dourada e o Morro Santa Galo. Foi em 1986 que a capoeira representada pelas “*malts*” foi desarticulada e convertida aos espaços das rodas, modificando sua concepção inicial e seu significado social.

3.2 A formação da roda de capoeira



A formação da Roda de Capoeira na Praça do Coreto da Cidade de Goiás, em 2004.
Desenho: Ângelo Rizzo, 2016.

Nos depoimentos de Fernando Antônio Araújo, denota-se que foram nos processos que formaram o “*Grupo de Capoeira Quilombo*”, nas mediações do quintal da casa de sua mãe, no dia 26 de Julho de 1986, compostas em sua primeira formação pelos capoeiristas: Fernando Antônio Araújo, Estevão Gomes de Sá, Leninho Sá, Maurício e Joãozinho deram início a formação da primeira roda de capoeira na cidade de Goiás.



Fernando Antônio Araújo
Desenhos: Ângelo Rizzo,
Fevereiro de 2016.



Estevão Gomes de Sá
Desenhos: Ângelo Rizzo,
Fevereiro de 2016.



Leninho Sá
Desenhos: Ângelo Rizzo,
Fevereiro de 2016.

No início, eram apenas cinco membros a praticar, tendo como objetivo a conquista do espaço social ao perceberem que para eles era importante sair do quintal da casa e apresentar a capoeira de uma forma bem diferente daquela concebida pelas maltas. Assim, apresentavam-se em escolas, nas praças, teatros, em missas, apenas com o berimbau e o atabaque.

A capoeira começou na minha casa, no quintal da minha casa, n dia 26 de Julho de 1986, começamos eu Xandó, o Chuluca, que hoje está, integrando a capoeira aqui na cidade muito forte, o Leninho que está em Goiânia, Brasília e Brasil, Maurício que também parou, Joãozinho, acho que era só esses cinco quando a gente começou na minha casa, começamos a treinar lá, praticar lá, e depois, a gente entendeu que tinha que sair do quintal, e levar isso para fora, levari isso para a cidade, para a população, e conseguimos fazer apresentações em escolas, nas praças, teatros, participação de missas em igrejas, com berimbau e atabaque, missas curiolas, e isso deu uma força muito grande para a gente naquela época. (Fernando Antônio de Araújo, 2006)

Do quintal da casa para a mata o “*Grupo de Capoeira Quilombo*” começou a difundir-se nas mediações. Primeiro, nas áreas de mata que circunda a cidade, depois, com o tempo, foram alcançando áreas antes dominadas pelas maltas, em lugares como o Largo da Carioca e, assim, foi até a formação do Grupo São Bento

Pequeno, modalidade voltada para a Capoeira Regional na cidade, vindo da cidade de Goiânia, tendo como seu primeiro representante Mestre Pajé, entre 1989 e 1990.



Mestre Pajé
Desenho: Ângelo Rizzo, Fevereiro de 2016.

Entre 1986 e 1988, chegava à cidade de Goiás as influências da Capoeira Regional de Manoel dos Reis Machado (Mestre Bimba), tendo como coordenador *Célio Rodrigues*. As influências do Grupo de Capoeira São Bento Pequeno foram incorporados à capoeira da cidade, pois a capoeira praticada em academia era algo novo para os membros do “Grupo de Capoeira Quilombo”.

A bateria era formada por um berimbau, um pandeiro e palmas, por que a gente não tinha o conhecimento de capoeira como a de academia, a gente só foi ter esse conhecimento com bateria, a parte principal do jogo da capoeira, por que a música que conduz o jogo, foi quando a gente conheceu o Besouro, Caçador, lá de Goiânia, eles vinham para Goiás nos finais de semana, e começou a passar para a gente, como é a estrutura da bateria, contendo três berimbau, atabaque, pandeiros, reco- reco, ago- go, a formação, como sentar, como se portar numa roda, até então a gente tinha isso tudo ai, intuitivo mesmo, sabe? A força da capoeira fazia a gente mesmo crescer. (Fernando Antônio de Araújo, 2006).

Importante se faz saber que muitas foram as formas de resistência vividas pelos capoeiristas ao longo de seu desenvolvimento nesta cidade, muitos enfrentamentos corporais, outros pelas articulações, mas com o surgimento dos grupos de capoeira, os golpes desferidos eram aplicados sobre as ressonâncias da capoeira que lembravam a escravidão africana e o lugar social dos negros no Brasil.

O ódio racial era nítido sobre a manifestação da capoeira, e as perseguições não cessaram com a ideia de que a capoeira poderia ser uma arte conforme se percebe no depoimento de Fernando Antônio Araújo (2006):

No Chafariz, quando a gente chegava para treinar, todos os dias, todos os dias tinha treino, final de semana tinha roda, e a praça é muito grande, e o pessoal lá, naquela época, começo a fazer naquela época, abaixo assinado, para tirar agente de lá, e alegavam que estava fazendo mito barulho, horário de novela, horário que eles estavam jantando, então estava perturbando esse aconchego do lar, então a gente ficou sem local para treino, ai eu consegui através da diretora do Professor Alcides Jubé, colégio, agente ir para lá e treinar, e treinamos lá mitos anos, até agente separar o grupo, a gente tinha em mente que não era aquele tipo de capoeira que a gente queria, nós queríamos uma capoeira mais arte.(Fernando Antônio de Araújo, 2006).

Com a chegada do Grupo São Bento Pequeno, o Grupo de Capoeira Quilombo teve seu fim, pois foi incorporado ao então novo grupo de Capoeira Regional. Os fundadores do Quilombo, aos poucos, foram recebendo as influências da capoeira praticada nas academias, experiências que seguiram por algum tempo. Mas, quando perceberam que aquela capoeira das academias não era a capoeira arte que buscavam, resolveram dissolver o Grupo São Bento Pequeno, dando início a formação do Grupo Berimbau Camará, no espaço da Associação Atlética União Goiana – UNIÃO.

Fernando Antônio Araújo nos relata que o Grupo de Capoeira Berimbau Câmara não durou por muito tempo, porque a Capoeira Angola começava a ser inserida no território da cidade de Goiás com a vinda de alguns capoeiristas do Grupo de Capoeira Só Angola, vindo de Goiânia.

Da minha casa a gente foi para o mato, para a carioca, no mato perto do viaduto, até quando a gente conheceu um pessoal da capoeira Regional, vindo de Goiânia, que era o Pajé, de 1989 para 1990, quando a gente conheceu essa turma, e ai esse pessoal tinha um conhecimento de capoeira feita em academia, e ai passou algumas coisas para a gente também, que a gente seguiu até um centro tempo, mas quando a gente percebeu que

aquela não era a capoeira que a gente queria fazer, nós dissolvemos o grupo, foi quando a gente conseguiu o espaço da União, Associação Atlética União Goiana, a gente se chamava Quilombo, naquela época a gente andava muito na cidade, aí eu coloquei o nome de Quilombo, e depois passo a ser Berimbau Câmara, mais foi um nome que não vingou muito, por que a gente estava com um pessoal de Goiânia, Caçador e Besouro, eles tinham um grupo lá chamado Só Angola, e a gente sentiu necessidade de estar integrado com um grupo de fora, forte, eles iam para Bahia, ia para São Paulo, Rio, e a gente não saía da cidade de Goiás, então a gente adotou o nome Só Angola, e o Berimbau Câmara morreu ali mesmo, então foi na época que a gente começou a praticar a Capoeira Angola na cidade de Goiás. (Fernando Antônio Araújo, 2006)

Em 1986, começava a se formar as rodas de capoeira e até então, a bateria de instrumentos era composta apenas com um atabaque, pandeiros e um berimbau. Com o passar do tempo, os praticantes começaram a receber influências da capoeira experimentada em Goiânia-GO a partir do contato do capoeirista Célio Rodrigues dos Santos (Mestre Pajé), final da década de 1980 com a Capoeira Angola e, posteriormente, a Capoeira Regional.

Foi em 1986 que se juntaram os capoeiristas Célio Rodrigues; Estevão Gomes de Sá; Fernando Araújo e Leninho Sá, para compor as primeiras rodas de capoeira da cidade de Goiás. Na ocasião, era a Luta Regional Baiana ou Capoeira Regional, que (Mestre Pajé), trazia como concepção na prática, estava sendo difundida por ele na cidade.

Estes protagonistas da roda de capoeira no território da cidade de Goiás, não foram os primeiros a ter o berimbau, instrumento que coordena as rodas nos dias atuais, pois o primeiro berimbau aparece nas lembranças de nossos depoentes em posse de Hernandes Sá, bem antes da formação da roda de capoeira na cidade de Goiás.

4. A CAPOEIRA NOS ESPAÇOS DA CIDADE: PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES.

4.1. A Capoeira Regional na cidade de Goiás

A capoeira era pancada mesmo! Agente chagava o piau! Por que naquela época era disciplina, o bicho pegava! Eu chegava a taca mesmo na roda, por que ali os meninos ficavam disciplinados, eu aprendi Capoeira Regional com Passarinho, capoeira genuína de Mestre Bimba, ai trouxe ela pra cidade de Goiás, mas os meninos aqui já faziam capoeira, era parecido com Angola na época, mas eles não conheciam Capoeira Angola, eles já tinham esta característica de jogo, eu gostava do jogo mais pegado. (Mestre Pajé, 2006).

A Capoeira Regional sistematizada por Manoel dos Reis Machado (Mestre Bimba) chegou à cidade de Goiás em 1986, porém quando aqui chegou, já existia capoeira no contexto desta cidade. A Capoeira Regional foi introduzida por Célio Rodrigues dos Santos ou, (Mestre Pajé) como a comunidade da capoeira o reconhece. Este capoeirista foi buscar os conhecimentos desta prática na cidade de Goiânia-GO, em 1974. Segundo ele, nesta ocasião, estava observando curiosamente um aluno de (Mestre Sabú), que na ocasião em que estava na capital, observava o aluno enquanto fazia manobras com o corpo sobre as suas vistas.

A busca pelas habilidades somente físicas e marciais da capoeira, não propiciaram que a Capoeira Regional desenvolvesse uma tradição, linhagens como a Capoeira Angola obteve sucesso no território da cidade de Goiás, porem, alguns remanescentes desta época, alunos de Mestre Pajé, continuam trabalhando com a difusão da Capoeira Regional, pertencendo a grupos que surgiram na cidade posteriormente.



Roda de Capoeira Regional na Praça do Coreto, Paulo Sérgio Gomes Ferreira, 2010.

Segundo os depoimentos de Mestre Pajé, os contatos com a Capoeira Regional foram ocasionados na cidade de Goiânia-GO, quando estava na escola em que estudava, pois foi nesta ocasião que conheceu o seu mestre, o (Mestre Passarinho), passando a se dedicar a esta modalidade. Quando chegou em 1984, Mestre Pajé relata que esteve num transite com frequência de Goiânia à cidade de Goiás, juntamente com os seus seis irmãos, que também já praticavam a Capoeira Regional, facilitando o aperfeiçoamento da prática dentro dos treinos coletivos e, introduzindo a modalidade neste território. E no ano de (1986), este mestre, (Mestre Pajé), esclarece que teve que retornar para morar na cidade de Goiás, para cumprir a obrigatoriedade do serviço militar, sendo convocado a servir o exército no “Tiro de Guerra” que aqui existia na época.

Este mestre também descreve que, não deixando mais de estar sempre presente na capoeira, encontrou-se um dia, com “Fernando Antônio Araújo”, “Estevão Gomes de Sá” e “Leninho Sá” que já praticavam capoeira no “Largo da Carioca”. A partir de então, posteriormente a este encontro, começaram a praticar a capoeira, dando início à formação das rodas de capoeira e, também, ao primeiro trabalho com a capoeira na cidade, fundando o “Grupo de Capoeira São Bento Pequeno”.

Os depoimentos concordam que as primeiras dificuldades encontradas no período para a introdução das rodas de capoeira, estavam estreitamente relacionadas ao preconceito que a capoeira sofria da sociedade, pelas concepções que anteriormente tinham sido empregadas pelos “grupos rivais”, além dos conflitos destas “maltas” que dominavam os bairros e utilizavam a capoeira como instrumento de defesa e ataque nas brigas pela dominação de áreas no território na cidade.

Em 1986, Célio Rodrigues dos Santos ou, (Mestre Pajé) foi incorporado à Polícia Militar, onde a inseriu como atividade de educação física, aplicando a disciplina militar na prática, que segundo ele acabou por trazer um respeito à manifestação, mesmo que ainda não era bem vista pela sociedade.

Quando agente fazia os treinos e as rodas no largo do Chafariz, dava muita gente, cada dia aumentava mais, com tudo, passamos a jogar e a desenvolver a capoeira com os alunos na roda, por que era muita gente praticando, logo eles fizeram abaixo assinado para tirar agente de lá. (Fernando Antônio Araújo, 2005).

As medidas disciplinares que o depoente relata sobre a prática da capoeira foram cruciais para a desarticulação dos “grupos rivais” que existiam na cidade. Segundo depoimento de Célio Rodrigues dos Santos (Mestre Pajé), que vai de encontro aos depoimentos de Fernando Antônio Araújo e Estevão Gomes de Sá, na cidade de Goiás, no final da década de 1986, as brigas eram proibidas aos praticantes de capoeira que faziam parte do “Grupo de Capoeira Quilombo”, tal posicionamento contribuiu para a desarticulação dos grupos rivais, pois membros de todos eles procuravam a capoeira para praticar.

Nos depoimentos também foram relatados que alguns líderes destas “*maltas rivais*”, que dominavam os bairros e morros da cidade, começaram a procurar a capoeira na academia e, na ocasião, o pensamento sobre a prática da capoeira era aplicado como arte, apresentando as histórias dos mestres, os mitos, os toques e instrumentos, trazendo um novo olhar sobre a modalidade, que ajudou a disciplinar os desordeiros que causavam transtornos à sociedade.

Em 1989, Fernando Antônio Araújo, Estevão Gomes de Sá e Leninho Sá identificaram-se com outra modalidade de capoeira, a Capoeira Angola, fato que fizeram deixar o “Grupo de Capoeira Quilombo” em 1989. Na ocasião, em visita à

cidade de Goiás, Mestre Caçador e Mestre Besouro, do “Grupo de Capoeira Só Angola”, fizeram uma exibição desta modalidade de jogo na Praça da Liberdade (Praça do Coreto), o que despertou o interesse nos meninos da cidade que começaram a busca pela Capoeira Angola ensinada então, por Mestre Vermelho e Mestre Caçado, pertencentes à linhagem de Mestre Boca Rica, Salvador-BA. Importante frisar que Mestre Vermelho e Mestre Caçador, tiveram um papel importante no processo de difusão da Capoeira Angola no Estado de Goiás. Alunos de Mestre Boca Rica, um dos mestres formados por Vicente Ferreira Pastinha (Mestre Pastinha), Salvador-BA, constituíram uma tradição da Capoeira Angola em Goiás.

4.2. A Capoeira Angola na cidade de Goiás



Roda de Capoeira Angola no alto da Igreja de Santa Barbara na cidade de Goiás. Acervo: Grupo Só Angola, 1998.

Nesta foto, aparecem os primeiros representantes da Capoeira Angola do Estado de Goiás, localizado ao centro da bateria conduzindo o berimbau médio nas mãos, encontram-se o Mestre Caçador e a sua direita, portando o berimbau Viola o Mestre Guaraná, e do seu lado direito, podemos observar a presença de Mestre

vermelho, conduzindo um pandeiro. Também na mesma fotografia, podemos registrar a presença de Fernando Antônio Araújo conduzindo o “Gunga”, ao lado de Mestre Besouro com o outro pandeiro nas mãos. Observa-se curiosamente a presença de moradores da cidade e Cristiane, a primeira mulher capoeirista da cidade de Goiás portando o “reco-reco”.

Os primeiros contatos com a Capoeira Angola se deram por meio do encontro dos capoeiristas Leninho Sá, Estevão Gomes de Sá e Fernando Antônio Araújo com os mestres do Grupo de Capoeira “Só Angola” da cidade de Goiânia-GO que, na ocasião, encontravam-se na cidade de Goiás, fazendo a sua primeira exibição de capoeira na Praça do Coreto. Este momento despertou curiosidade nos capoeiristas da cidade que, sem saber, no momento, que ali estavam sendo inseridos os primeiros movimentos da Capoeira Angola, nesta cidade.

A procura pelos ensinamentos da Capoeira Angola pelos capoeiristas Fernando Antônio Araújo, Estevão Gomes Sá e Leninho Sá, fizeram com que mais tarde deixassem a prática da Capoeira Regional e buscassem suas referências na capoeira de “Mestre Vermelho” e “Mestre Caçador”, o que também os levou a filiarem-se em 1990 ao “Grupo de Capoeira Só Angola”, sendo representantes desta escola de capoeira na cidade de Goiás.

A Capoeira Regional de Mestre Pajé não lhe rendeu uma hierarquia de capoeiras, filiações como estamos acostumados a ver na nesta modalidade, porém, continua desenvolvendo seu trabalho ainda nos dias atuais. Assim, não conseguiu desenvolver linhagens como a Capoeira Angola obteve, perdendo o nome do Grupo de Capoeira São Bento Pequeno, passou muito tempo afastado desta prática, sendo que a separação não propiciou a ambos protagonistas a criação de oportunidades para a vadiação nas rodas juntos.

Nos depoimentos de Fernando Antônio Araújo e Estevão Gomes Sá, temos o primeiro espaço que a Capoeira Angola conseguiu na cidade de Goiás, em que a capoeira se desenvolvia dentro de uma barracão, cedido pela Associação Atlética União Goiana - UNIÃO, um Bloco Afro de carnaval, espaço este que teve pouca duração, devido a divergências de uso do local criada pelos dirigentes.



Roda de Capoeira Angola no espaço da Associação Atlética União Goiana (UNIÃO), Acervo: União da Capoeira Pro Adolescente- UCAPRA. 1998.

Em 1995, era encerrada a filiação dos capoeiristas da cidade de Goiás com o “Grupo de Capoeira Só Angola” e nesta ocasião, Estevão Gomes de Sá (Mestre Chuluca) dá início ao “Grupo de Capoeira Meninos de Angola”. Enquanto Leninho Sá começa sua trajetória em busca de conhecimentos na Fundação Internacional de Capoeira Angola-FICA, tendo como referências a capoeira ensinada por Mestre Cobrinha Mansa.

O Grupo de Capoeira Meninos de Angola (1995) buscou, ao longo de sua formação, referências nos trabalhos de Mestre Cobrinha Mansa também, sendo que propõe a vinda deste mestre em (2001), posteriormente buscando suas referências na capoeira ensinada pelo Mestre Moraes, que somente vem à cidade de Goiás em 2004.

Os processos que levaram à inserção da Capoeira Angola neste território se deram pela fertilidade que a cidade ofereceu, podendo estar relacionado aos efeitos da crise de identidade enfrentada pela sociedade pós-moderna, ocasionada pela fragmentação e, o deslocamento dos sujeitos de seus lugares. Isto porque a capoeira, além de ser possuidora de um referencial étnico, também plural e diversa, com sua localização bem definida na sociedade, representada por capoeiras da

massa popular que ocuparam as periferias, dos afrodescendentes, num constante processo de busca pela inserção no mundo social.

Por aqui, o silêncio sobre as tradições de matrizes africanas foi a mola precursora para que a capoeira se fixasse em solo goiano, se desenvolvendo pelo estado. As rodas de capoeira eram os espaços onde se encontravam as ressonâncias da escravidão, da luta pela liberdade. Lembranças que emergem por meio da oralidade dos cantos, dos gestos e expressões que ganham forma, configurando as relações simbólicas de poder que se estabelecem e resignificam a capoeira, inserindo a ela as particularidades da cidade de Goiás.

A capoeira, enquanto uma performance que transpõe o tempo e o espaço, não perdeu seu significado de resistência e luta dos negros e seus descendentes. Aqui, ela encontrou seu lugar no campo simbólico de relações, representada por aqueles que ocupavam os morros e bairros periféricos que compunham a vida da cidade.

Em 2001, começaram a chegar à cidade de Goiás outras linhagens de capoeiristas ligados a capoeira baiana, pois foram aqui realizada a I Mostra de Capoeira Angola da cidade de Goiás, sob responsabilidade do Grupo de Capoeira Meninos de Angola. Nesta mesma ocasião, era recebido como convidado o Mestre Cobrinha Mansa para conduzir as rodas.



Mestre Cobrinha Mansa
Desenho: Ângelo Rizzo, Fevereiro, 2016.

Mestre Cobrinha Mansa trazia no momento do aprendizado do capoeirista, reflexões sobre a forma de se praticar a Capoeira Angola, abordando temas como a Permacultura, a Agroecologia e, a Agricultura Familiar. Este mestre retomou as reflexões de Mestre Pastinha, trazendo uma capoeira voltada para o bem estar, a alimentação como categoria de escolha e conduta, anteriormente refletida por Mestre Pastinha em sua narrativa que denota: “*A capoeira é tudo que a boca come*” (Mestre Pastinha). O mestre, honrado pelo referido título, foi Mestre Moraes, fundador do Grupo de Capoeira Angola Pelourinho (1980), já Mestre Cobrinha Mansa edificou a Fundação Internacional de Capoeira Angola – FICA.



Foto: Roda de Capoeira Angola na Praça do Coreto, de amarelo saindo dos pés dos berimbaus, Mestre Cobra Mansa à esquerda com um aluno. Acervo: União da Capoeira Pro Adolescente- UCAPRA. 2001.

Mestre Cobrinha Mansa trazia a cidade uma proposta de pensar a capoeira por meio da alimentação, focalizada na saúde que a alimentação propicia, justificava os efeitos de alimentação saudável como recurso para o melhor desempenho do capoeirista, melhor desempenho para a vida do capoeirista, levando com que eles ficassem posicionados frente ao agronegócio, tema que mexeu com os moradores, estando relacionado ao cotidiano da cidade com experiências de luta pela propriedade de terras da reforma agrária.

Com a vinda de Mestre Cobrinha Mansa, o terreno começou a ser mais bem preparado para que ocorresse o contato com a capoeira ensinada pelo Mestre Moraes, fundador “Grupo de Capoeira Angola Pelourinho”, Salvador-BA. Este momento ocorreu em 2004, na ocasião o Grupo de Capoeira Meninos de Angola buscava referências nos trabalhos deste mestre, refletindo a ancestralidade, a tradição, o racismo no Brasil.

Em depoimento, Mestre Moraes afirma ter aprendido capoeira com Mestre João Pequeno e Mestre João Grande, todos dois alunos de Mestre Pastinha. Este mestre trouxe reflexões que ainda não tinham sido abordadas na capoeira, partindo

para o posicionamento social, a capoeira politizada, coletiva, comprometida, dizia que a roda de capoeira é uma assembleia, o mestre é o mediador, sendo o representante do poder.



Mestre Moraes
Desenho: Ângelo Rizzo, Fevereiro de 2016.

Ao final de suas aulas e rodas, o capoeirista deveria se voltar para a inserção dentro das estruturas públicas, para melhor criticá-las, pois referiam a estrutura do estado como uma madeira forte, onde nós como cupins pequenos, deveríamos entrar para modificá-la. Ou seja, isso são relações de poder, levando os capoeiristas a questionar fora da roda, a buscar os estudos, a se tornarem profissionais comprometidos com esta mudança da sociedade, sendo capoeiras, mas também professores, advogados, geógrafos, historiadores, policiais, delegados, entrando em estruturas e buscando moldarem-nas para uma ação mais comprometida com as questões afirmativas e a preservação e valorização da cultura africana.

O encontro com estas formas de se observar a sociedade pelo capoeirista demonstrou que a capoeira é um campo de poder, onde este se manifesta nas relações. O diálogo entre a capoeira da cidade de Salvador-BA e a capoeira da Cidade de Goiás fez estender as reflexões sobre a capoeira como espaço de força coletiva.

A Capoeira Angola ensinada por Mestre Moraes e Mestre Cobrinha Mansa estavam voltadas para pensar a capoeira num contexto para além das rodas. Mestre Moraes já trazia com a fundação do GECAP- Grupo de Capoeira Angola Pelourinho, fazer embates políticos que eram refletidos dentro do Movimento Negro Organizado. Portanto, tratava-se de uma capoeira politizada, com a preocupação de salvaguardar a cultura da capoeira, mas também de refletir a capoeira como espaço de articulação social, de posicionamento e voltada para as histórias dos ancestrais africanos trazidos para o Brasil (TRINDADE, 2000).



Foto: Registro da primeira aula de Capoeira Angola de Mestre Moraes na cidade de Goiás, espaço do Colégio Professor Alcides Jubé, Mestre Moraes caminha de roupa preta e chapéu, ao lado de dois alunos que exercitam a chamada da Capoeira de Angola. Acervo: Paulo Sérgio Gomes Ferreira, 2004.

O contato com Mestre Moraes e os pensamentos difundidos a partir dos trabalhos do Grupo de Capoeira Angola Pelourinho – GECAP foram intensificados no território da cidade de Goiás, uma vez que, possibilitaram aos capoeiristas

perceberem os temas que circundavam a capoeira no Brasil. Fortalecendo os discursos da importância da tradição, da preservação da capoeira e a salvaguarda das histórias que permeavam a Capoeira Angola.



Foto: Roda de conversa sobre a salvaguarda da tradição com Mestre Moraes na cidade de Goiás, 2004. Acervo: Paulo Sérgio Gomes Ferreira, 2004.

Em 2006, chega à cidade de Goiás Medonha, um aluno de Mestre João Grande, este capoeirista foi significativo para se compreender como a tradição da capoeira transpõe as fronteiras geográficas e culturais, pois sendo um capoeirista de Minas Gerais, Mestre Medonha buscou na capoeira de Mestre João Grande suas referências como capoeirista, preservando os ensinamentos dos mestres da velha guarda baiana.



Mestre Medonha
Desenho: Ângelo Rizzo, Fevereiro de 2016.

As reflexões sobre a importância da tradição eram adotadas por este importante capoeirista como forma de preservar os conhecimentos da capoeira dos mestres antigos de Salvador - BA. Este mestre era aluno de Mestre João Grande que foi o formador de Mestre Moraes. Mestre João Grande e Mestre João Pequeno são na tradição baiana que compõe o grupo de mestres que foram formados por Mestre Pastinha, remontando uma linhagem da Capoeira Angola que transpôs as fronteiras geográficas e culturais do território brasileiro.

A vinda de Mestre Medonha em 2004 a cidade de Goiás, somente reforçou a inserção da tradição da Capoeira Angola vinda da cidade de Salvador-BA. O contato deste mestre com alguns alunos do Grupo Meninos de Angola coordenado por Mestre Chuluca, ocorreu em um momento que estes já difundiam a tradição de seu mestre na cidade, fundando um grupo de capoeira e estendendo a linhagem que aqui já se perpetuava. Ou seja, a fundação do Grupo de Capoeira Quilombo demonstra que estes alunos: Kiaia, Janaina, Renata, Gustavo Silva Pinheiro, Fabio Rodrigues e outros que compunham esta ramificação do Grupo de Capoeira Meninos de Angola, começavam a configurar a tradição da Capoeira Angola neste território.



Foto: Roda de Capoeira Angola do Grupo de Capoeira Acervo: Paulo Sérgio Gomes Ferreira, 2001.

Sobre o perfil que se configura na performance do capoeirista da cidade de Goiás, em meio a tantas particularidades, adaptações que ocorreram na fusão com a cultura local, nos faz traçar um perfil definido por Estevão Gomes de Sá ou, (Mestre Chuluca):

Mesmo com o contato com a capoeira de outros lugares, Salvador, Rio de Janeiro, Minas Gerais, aqui a capoeira desenvolveu com o nosso jeito de ser, não é como dizem, mandingueiro, mas sim o jeito matuto, porque somos matutos, um capoeirista que se relaciona com o cerrado, aquele sertanejo, aquele que observa atentamente quando faz o seu cigarro de palha e pensa, aprende, antes de dar a resposta, também isso acontece no jogo. (Mestre Chuluca, 2004).

Algumas particularidades na confecção de instrumento como o “berimbau”, o que não alteraram o som, pelo contrário, os berimbaus feitos de “guatambu” são de ótima qualidade, diferentes dos fabricados na região da Bahia, que utiliza a “Biriba” como matéria prima, esta relacionado às adaptações.

Esta madeira se tira no tempo certo, se não caruncha, apodrece e perde, ela se tira sempre na lua minguante, coisa que aprendi com os mais antigos, o guatambu é uma ótima madeira para se fabricar ferramentas, enxadas, foices, machados, cuitelos, além de dar ótimo som aos berimbaus, ela esta ligada ao trabalho braçal nas lavouras, é uma matéria prima muito

procurada no cerrado, faz parte do cerrado, da relação daqueles que aqui tiveram que se adaptar e produzir. (Mestre Chuluca, 2001).



Foto: Retirada do Guatambu no Cerrado da Cidade de Goiás para a fabricação de berimbaus, Acervo: Paulo Sérgio Gomes Ferreira, 2010.

Dentre as particularidades da capoeira nesta cidade, podemos ressaltar o som que se destaca no cantar que assemelha as “Folias de Reis”, cultura que faz parte da vida da cidade. Um canto chorado, diferente do que vemos em outros territórios, onde a capoeira se desenvolveu.

Estas representações fazem da capoeira desta cidade, única e diversa, influenciada pelos aspectos que a circundam cultural e ambientalmente no cotidiano. No cerrado, ela extraiu o jeito de se relacionar com o ambiente seco, interferindo na prática, sendo que treinar neste calor é bastante diferente de treinar em lugares em que o clima é mais frio.

Foram as buscas pela legitimidade a partir de títulos concedidos pelos mestres da tradição da capoeira de Salvador - BA, quem ocultou com que os capoeiristas desta cidade, percebessem o poder agregador da capoeira, a sua força coletiva, fazendo com que os próprios capoeiristas não percebessem seu potencial agregador, articulador. Muitos destes capoeiristas foram buscar suas referências em grupos e experiências em outros territórios para além da Serra Dourada e o Morro Santa Galo. Não percebendo que o papel social da capoeira estava ligado ao local onde ela estava sendo aplicada, não observaram para além dos discursos que permeiam a tradição baiana.

Com um contingente expressivo de capoeiristas sem posicionar dentro do cenário social, a capoeira perdeu sua representação em momentos que poderia influenciar nas tomadas de decisões, perdendo sua força comunitária, no que em uma tomada de consciência poderia levar os capoeiristas para além das rodas e contribuir nas tomadas de decisões e definições sobre a vida na cidade da qual pertencem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar a história da capoeira, conhecer os processos que ocasionaram a sua introdução na sociedade da cidade de Goiás, não é uma tarefa fácil. Essa manifestação é sedutora, assim como as reflexões que foram realizadas no decorrer desta dissertação, conhecendo os autores, debruçando em cima das fontes, buscando ler o passado, num barco que por muitas vezes se encontrava à deriva.

As histórias que emergiram das lembranças de nossos depoentes que nos revelaram os processos de introdução da capoeira neste território é carregada de magias e pelo canto chorado das “folias de Santos Reis”, percebemos que a capoeira aqui se adaptou e aderiu à cultura local. Outra questão que foi identificada nesta pesquisa, estão ligadas as adaptações e particularidades relacionadas a adaptação da capoeira neste território, substituição da matéria prima utilizada para a confecção dos berimbaus, substituindo a “biriba” muito utilizada no território baiano, o “Guatambu”, foi a madeira encontrada no cerrado goiano para a confecção do instrumento, madeira esta utilizada nas ferramentas de trabalho braçal nas lavouras.

Mestre Pastinha filosoficamente expunha que a capoeira era ânsia de liberdade dos escravizados africanos. Em outra perspectiva, temos que a capoeira é um espaço agregador que se legitima no poder pelo discurso de tradição. Discurso este que prescreve o papel social da capoeira na cidade de Goiás ao considerá-la como um espaço de resistência, articulação, contestação e representação ao passo que seus representantes são, em grande parte, das regiões periféricas e dos morros. Portanto, a capoeira se reveste de um lugar de poder, de posicionamento social que dá visibilidade ao indivíduo marginalizado pela sociedade.

Pensando a partir do discurso de tradição e do continuo africano, meio pelo qual a tradição se legitima no poder, a capoeira se transforma em um espetáculo bastante difícil de compreensão de seus significados ao definirmos sua posição enquanto um espaço de constituição de identidade. Pois o capoeirista em sua essência, é composto de múltiplas identidades, ao passo que o capoeirista moderno atua como sujeito que se aderiu as múltiplas facetas tomadas pela capoeira que transpôs o tempo e o espaço.

Na cidade de Goiás a capoeira regional se limitou aos exercícios físicos enquanto que a Capoeira Angola se transformou em um território que luta pelas

condições dos moradores dos morros e periferias, na pretensão de contestar o silêncio imposto pela elite branca, católica.

Nesse sentido, o presente estudo, ao analisar a História da Capoeira na cidade de Goiás, no período de 1945 a 2010, contribuiu para repensar os múltiplos papéis da capoeira neste território, pois é preciso ir além daquelas narrativas e visualizar a tradição que aqui se configurou, de forma que os reais significados desta manifestação estejam ligados aos seus pontos de colaboração, articulação, contestação, posicionamento social e, desta forma repensar o perfil da capoeira praticada longo do tempo nos diferentes espaços, a partir das próprias experiências vividas neste universo da capoeira, remontando às particularidades que configuram o capoeirista desta cidade.

REFERÊNCIAS

ABREU, Mauricio de Almeida “*Sobre a memória das cidades*”. Revista da faculdade de Letras – Geografia I, Serie, Vol. XIV, pp 77-97. Departamento de geografia – UFRJ. Porto, 1998

ALGRANTI, Leila Mezan. *O feitor ausente: estudos de escravidão urbana no Rio de Janeiro*. Petrópolis: Vozes, 1988.

BHABHA, Homi K. “*O local da cultura*”. Homi K. Bhabha; tradução de Myriam Avila, Eliana Lourenço de lima reis, Gláucia Renate Gonçalves. - Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BHABHA, Homi K. “*O local da Cultura*”. Tradução de Myriam Avila, Eliana Lourenço de Lima reis, Gláucia Renate Gonçalves, IV edição, Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2007.

BOSI, Ecléia. *Memória e Sociedade – Lembranças de Velhos*. São Paulo: Companhia das letras, 1994.

BOURDIEU, P. “*O poder simbólico*”. Rio de Janeiro: Bertrand, Brasil, 1998.

BOURDIEU, Pierre. “A economia das trocas simbólicas”. Introd. Org. e seleção de Sérgio Miceli. 6 ed. São Paulo: Perspectivas, 2007.

BOURDIEU, Pierre. “O Poder Simbólico” 10. Ed. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

BRETAS, Marcos Luiz. “*O império da navalha e da rasteira: a república e os capoeiras*”, Revista de estudos Afro-Asiáticos, n 20, 1991.

CABRERA, Olga “*Cuba: Raça e Etnia no Processo de Construção da Nação*”, Coleção Etnicidade Região e Nação. “Etnicidade e Nação”, ROCHA, Leandro Mendes (Org.), Ed.Canone editorial, Goiânia. 2006.

CABRERA, Olga “*Migrações e Fronteiras do Mundo Atlântico*” Coletânea de Artigos: Revista do Centro de Estudos do Caribe no Brasil / Ed. Universidade Federal de Goiás. 2008.

CAMPOS, Lima. “*A capoeira*”. Kosmos Revista Artística, Científica e Literária, Rio de Janeiro, v 3, n 3, mar.1906.

CARNEIRO, Edson. “*Capoeira de Angola*”. In. Negros bantos. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1937.

CHARTIER, Roger “*O mundo como representação*” Estud. av., São Paulo, v. 5, n. 11, abril, 1991.

COELHO NETO, Henrique Maximiano. “*Nosso Jogo*” In. O bazar. Porto: Livraria Chandron, 1928.

DIAS, Adriana Albert. “*Mandinga, manha e malícia: uma história sobre os capoeiras na capital da Bahia (1910-1925)*”. Salvador: EDUFBA, 2006.

FERREIRA, Paulo Sérgio Gomes. “*O Cotidiano Afro descendente da Cidade de Goiás: Capoeira Angola 1986-2005*”. Projeto de Pós- graduação (Gestão do Patrimônio Cultural) – Universidade Estadual de Goiás, Unidade: Cora Coralina, 2006.

FOCAULT, Michel. “*Sobre a História da Sexualidade*”. In: Microfísica do poder. Organização e Tradução de Roberto Machado. 24 Edição. Rio de Janeiro. Ed. Graal p.X

FREYRE, G. “*Sobrados e Mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*”. Rio de Janeiro: José Olympio, 1951.

FREYRE, Gilberto, “*Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*”. Rio de Janeiro: José Olympio, 1951.

GONÇALVES, José Reginaldo dos Santos. *Ressonância, Materialidade e Subjetividade: as culturas como patrimônios*. In: Antropologia dos objetos: Coleção Museu, Memória e Cidadania. _____(org.). Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: vértice, 1990.

HALL, Stuart. “*A identidade cultural na pós- modernidade*”. Stuart Hall; tradução: Tomaz tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 11. ed. - Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

- HOLLOWAY, Thomas. “O saudável terror: repressão policial aos capoeiras e resistência dos escravos no Rio de Janeiro no século XIX”. Revista de Estudos Afro-Asiáticos, n 16, 1989.
- KARASCH, Mary, *A vida dos escravos no Rio de Janeiro, 1808 – 1850*, São Paulo, Companhia das Letras, 2000.
- KARASCH, Mary. “*A vida dos escravos no Rio de Janeiro (1808-1850)*”. São Paulo, Companhia das Letras, 2000.
- LACERDA, Regina. “*Vila Boa História e Folclore*”2. ed. 224pg. Goiânia. Oriente, 1977.
- LEAL, Luiz Augusto Pinheiro. “*Deixai a política da capoeiragem gritar: capoeiras e discursos de vadiagem no Pará republicano (1888-1906)*”. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2002.
- LOBATO, José Renato Monteiro “*Urupês*”. Editora da Revista do Brasil. 5ª ed. São Paulo, 1918.
- LOIOLA, Maria Lemke. “*Trajetórias para a liberdade: escravos e libertos na capitania de Goiás*”. Goiânia: Editora UFG, 2009.
- LUZ, Marcos Aurélio “*Do Tronco ao Opa Exim*”, Memória e Dinâmica da Tradição Afro-Brasileira”. Rio de Janeiro, Pallas.2002.
- MACEDO, Eliene, Nunes; TAMASO, Izabela, Maria. *Dança dos Congos: patrimônio afro-brasileiro no contexto do patrimônio mundial*. In: CAMARGO, R. C. de et al (Org.). Performances da Cultura: Ensaio e Diálogos. Goiânia: Kelps, 2015. p.143-163.
- MEIHY, José Carlos Sbe Bom. *Manual de História Oral*. 3ª ed. São Paulo: edições Loyola, 2000.
- MORAES FILHO, Alexandre de Melo. “*Capoeiragem e capoeiras célebres*”. In: Festas e tradições populares no Brasil”. São Paulo: EDUSP, 1979.
- NORA, Pierre. *Entre memória e História: a problemática dos lugares*. Projeto História, São Paulo, n. 10, dez. 1993.

OLIVEIRA, Josivaldo Pires de. “*Capoeira, identidade e gênero: ensaios sobre a história social da capoeira no Brasil*”. Josivaldo Pires de Oliveira, Luiz Augusto Pinheiro Leal. - Salvador: EDUFBA, 2009.

OLIVEIRA, Josivaldo Pires de. “*No tempo dos valentes: os capoeiras na cidade da Bahia*”. Quarteto, Salvador, 2005.

PALACÍN, Luis. “*Goiás (1722-1822): estrutura e conjuntura numa capitania de minas*”. 2. ed. Goiânia-GO: Ed. Oriente, 1976.

PALACÍN, Luis. “*História de Goiás (1722-1972)*”. Moraes, Maria Augusta de S. 7. ed. Goiânia-GO: Ed. UCG; Ed. Vieira, 2008.

PASAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. Coleção História e Reflexões. 2. Ed. 1reimp – Belo Horizonte. Editora Autentica, 2005.

PASTINHA, Vicente Ferreira “*Quando as pernas fazem misere: metafísica e pratica da capoeira*” Manuscritos de Vicente Ferreira Pastinha (Mestre Pastinha), Salvador, BA. 21/12/1960.

PIRES, Antônio Liberac Cardoso Simões. “*A capoeira na Bahia de Todos os Santos: um estudo sobre cultura e classes trabalhadoras (1890-1937)*”. (Palmas): NEAB, 2004.

PIRES, Antônio Liberac Cardoso Simões. “*A capoeira no jogo das cores: criminalidade, cultura e racismo no Rio de Janeiro (1890-1937)*”. (Dissertação de mestrado em história) – Instituto de Filosofia e Ciências humanas, Universidade Estadual de Campinas. São Paulo. 1996.

QUERINO, Raimundo Manoel. “*A capoeira*”. In. Bahia de outrora. Salvador: Livraria Econômica, 1916.

RAMOS, Hugo de Carvalho “*Tropas e Boiadas*”. Ed. Lacerda, Belo Horizonte, 2003.

REGO, W. *Capoeira Angola*. Salvador: Ed. Itapoan, 1968.

REGO, Waldeloir. “*Capoeira Angola: ensaio sócio – etnográfico*. Salvador, Itapoã, 1968.

REIMER, Ivoni Richter. *Trabalhos acadêmicos: modelos e conteúdos / Ivoni Richter Reimer*. 1. Reimpr. – São Leopoldo: 120p. Oikos, 2014.

- REIS, Letícia Vidor de Souza “*A roda da capoeira: O mundo de pernas para o ar*” São Paulo: Publisher Brasil, 1997.
- REIS, Leticia Vidor de Souza. “*O mundo de pernas para o ar: a capoeira no Brasil*”. Rio de Janeiro, Publisher. 1997.
- REVISTA “*História da Biblioteca nacional*”: Mar, 2008, P. 14-23.
- REVISTA “*Praticando capoeira*” São Paulo. Ed. D+T 2000, 1995, 2002.
- SALLES, Vicente “*A defesa pessoal do negro: a capoeira no Pará*”. Brasília, 1994.
- SCHWARCZ, Lilia Mortiz. “*Retrato em branco e negro: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX*”. São Paulo: companhia das letras, 2001.
- SILVA, Martiniano J. “*Sombra dos Quilombos*” Ed. Barão de Itararé - Goiânia, 1974.
- SOARES, Carlos Eugenio Líbano “*A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808-1850)*”. Campinas. Ed. UNICAMP 2002.
- SOARES, Carlos Eugenio Líbano. “*A negregada instituição: os capoeiras na corte imperial (1850- 1890)*”. Rio de janeiro: ACCESS, 1999.
- SOUZA, Francisco Lins “*A Capoeira Regional e a Influencia da Era Vargas na sua construção*”. (UFG) Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2008, P.38-39.
- SOUZA, Marina de Mello “*África e Brasil africano*”, Ed.Ática. P.07, 2008.
- TAMASO, Izabela Maria *Em nome de patrimônio: representações e apropriações da cultura na cidade de Goiás. 2007. 787 f.* Tese (Doutorado em Antropologia Social)- Universidade de Brasília, Brasília, 2007. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/1995>> Acesso em: 03 mar. 2013.
- TRINDADE, Pedro Moraes “*Do lado de cá da kalunga: os africanos angolas em Salvador - 1800-1864*”. Dissertação de Mestrado, UFB, Salvador – Bahia. 2008.
- TRINDADE, Pedro Moraes “*Revista Praticando Capoeira*”. Coleção Grandes Mestre Grupos, Ed.02, 2000.
- VIEIRA, Luiz Renato. “*O jogo da capoeira: corpo e cultura popular no Brasil*”. Rio de janeiro: Sprint. 1998.

ANEXOS:

I- Roteiro de perguntas para coleta de depoimentos

1. Quando você ouviu falar de capoeira pela primeira vez?
2. Quem foram os primeiros capoeiristas na cidade de Goiás que você conheceu?
3. O que a capoeira representa para você?
4. Você sabe de onde vem a capoeira?
5. Na cidade de Goiás existe capoeira desde quando?
6. A capoeira tinha participação das mulheres?
7. Você sabe de onde veio a capoeira?
8. Na cidade de Goiás a capoeira é uma prática aceita pela população?
9. Quantos grupos de capoeira existem na cidade de Goiás?
10. Qual a importância da capoeira para os moradores da cidade de Goiás?
11. Quais as modalidades da capoeira que são praticadas na cidade de Goiás?

II- Depoimentos

Depoimento 1- Manoel Ferreira Rafael, 2006.

Época dos coronéis e dos camaradas, era época dos valentões... Foi em 1945. Foi a época que eu assisti Goiás, foi essa época dos “valentão” que tinha aqui, era Domingão, era o Tarzan, esses são os dois mais perigosos que tinha aqui em Goiás. Soldado não prendia eles fácil, por que eles eram muito espertos e valentes, eles brigavam com soldado, dava pelada em soldado, dava cabeçada. Soldado ia levando eles, corria, deixava soldado na mão e ia embora. Subia a carioca ai e ia embora para a roça. Era desse jeito que foi acontecido.
Manoel Ferreira Rafael, 2006.

Depoimento 2 – Manoel Ferreira Rafael, 2006.

Os valentões eram gente perigosa. Brigava com a polícia, brigava tudo e polícia não dava conta de prender eles, por que a polícia não era preparada. Era muito lerda tudo, não era preparado e não tinha carro para levar preso não, levava era a pé. Então o que acontecia, um soldado do lado, o outro do outro e o preso no meio. E o preso fazia com os dois assim, e ó! Corria e não dava conta de pegar, ia embora e ai eles brigava, passava o pé no soldado, derrubava, dava cabeça no soldado, derrubava. A briga deles era essa ai, não tinha negócio de tiro, nem nada não, era de mão mesmo, que eu lembro disso. É isso que eu lembro. A época dos coronéis e dos camaradas foi a época dos valentão na cidade de Goiás”.
Manoel Ferreira Rafael. 2006.

Depoimento 3 – Manoel Ferreira Rafael, 2006.

O Domingão passava o pé nos soldado tudo, fugia e ia embora para a roça e o outro brigava, ficava na cidade, depois fugia e ia embora para roça também. Soldado não prendia eles fácil não, era difícil, agora teve um que ficou preso aqui ó! (Casa de câmara e cadeia) o Tarzan. Esse ficou preso aqui na cadeia, saia hora que queria, saia no meio dos soldados e ia embora, e chegava a taca nos soldados. E ele furou isso aqui,saiu! (Parede da Casa de Câmara e Cadeia). Saia pela porta,

prende ele na enchovinha aqui. Ele parecia que tinha uma parte com ele, sabe? A parte com aquele bichinho, né? Eu não gosto nem de falar o nome daquele trem. Eu conheci eles nessa época também, eu tinha uns quatorze anos. Assim, eu conheci esse povo, aqui nessa cidade e o povo tinha muito medo desse povo, eles eram valentes, né? As mulheres fechavam a porta, quando falavam, em vem o Tarzan. Eles fechavam a porta. **Manoel Ferreira Rafael, 2006.**

Depoimento 4– Luiza Gomes do Carmo, 2006.

O Tarzan fazia pavor aqui. Todo mundo tinha medo dele! Todo mundo tinha medo dele! Por que ele era valente, soldado disse que prendia ele, ele saia naturalmente lá na cara de soldado, descia a calçada, ele descia naturalmente lá. Hoje não sei se tem, mas tinha uma calçada que ficava lá em cima (Casa de câmara e cadeia), descia junto com soldado, não vem que não tem! Não vem que não tem! Ai que que eles faziam: eles pegavam e punham algemas nele, punha algema nele, ele saia, assobiando, cantando, tinha uma voz bonita! Tinha uma voz bonita! Saia cantando, assobiando, chegava adiante, hum! Fica aí! Algema ficava. Ninguém entendia por que ele tirava as algemas, mas era assim. Quando ele começava a andar, por que ele andava na cidade tudo, você conhecia o assobio dele, corria e fechava a porta, todo mundo! Por que ele tinha um negócio de fazer serenata, chegava na janela e cantava! Cantava! Tinha uma voz bonita, mas com agente mesmo, com as pessoas assim, ele não fazia nada não. A gente tinha medo, por que sabia que ele não era certo, não respeitava a polícia, soldado não aguentava ele, nem algema segurava ele. Polícia tinha medo dele, lá onde era a cadeia, onde é o museu. Ele era moreno, “tiposo”. Ele era bonitão, sabe! Bonitão mesmo! Ele sumia por que ia para qualquer lugar. Todo mundo fechava a porta, com medo. Eu mesmo tinha medo demais dele. Só andava assobiando, cantando. Agora a polícia tinha medo dele, ele era forte, morenã forte, qualquer coisa ele descia braço e ele não tinha nada de atirar não! Nem de bater não! Era o braço mesmo!.**Luíza Gomes do Carmo. 2006.**

Depoimento 5– Manoel Ferreira Rafael, 2006.

A praça do coreto era o Jardim que tinha lá. Até hoje tem o Jardim lá! Era fechado, não era aberto do jeito que está lá não. Tudo fechado! Tinha o guarda noite que abria o portão, fechava, abria, tinha as horas de sair, tinha as horas de entrar, tudo tinha horário. Eu conheci o Jardim foi deste jeito e lá tinha

uma coisa, a cor negra não misturava com branco não. Era diferente. Eles não aceitavam que o negro entrasse na roda deles de jeito nenhum, isso é que eu falo, o preconceito já vem de muitos anos e eu acho que isso não caba, não acaba nunca! Para mim não! Não acaba! Foi nessa época que eu conheci o Jardim lá. Áaas moça lá para namorar, tinha os banco para sentar, tinha hora para sair, tinha hora para entrar, tudo era “choferado” pelos pais e as mães. A hora minha filha você tem que estar aqui em casa para dormir! Então, eu era um dos que ía chamar as meninas do quem me criou. Ó! Padrinho está chamando vocês, para vocês irem embora. Aí elas iam embora. O trem era severo, tinha horário para entrar, chegar e sair, e o guarda noite, também queria embora para dormir, fechava e ia embora. Naquela época era muito diferente, tudo plantadinho, cheio de rosa, não era feio do jeito que está lá não... Quem mandava em Goiás, era os Caiado. Não tinha Goiânia ainda não!.**Manoel Ferreira Rafael, 2006.**

Depoimento 6 – Manoel Ferreira Rafael, 2006.

Nessa época, eu vivi nessa cadeia. Lei, era a Lei Seca, lei de espancamento, prendia e ficava no pau... O Tarzan, é! Ficava preso aqui até o tanto que ele queria, depois que ele não queria ele saia, ia embora, soldado parece que nem via ele, brigava com soldado, batia no soldado, derrubava soldado, soltava cabeçada no soldado. Ele era muito valente, né? Perigoso também! Por que as mulheres tinham muito medo dele. Saia para a rua assim, quando chegava, em vem Tarzan lá! Todo mundo fechava a porta de medo dele, pois é... Foi assim, ele saiu dessa cadeia até pela porta, soldado estava aí. Ele saiu pela porta assim, foi embora, ele foi morto pela própria polícia, fuzilção nele matou ele. Depoimento cedido por, **Manoel Ferreira Rafael, 2006.**

Depoimento 7 – Manoel Ferreira Rafael, 2006.

Hernandes era filho de um irmão meu, era meu sobrinho. Esse, também, era outro que passava o pé e derrubava todo mundo. Ele estava trenando capoeira, fazendo capoeira, ele trabalhou nisso, eu conheci ele era só nisso aí... passando o pé na gente. Capoeira tem esse negócio, né? Só pé, vira, cabeçada também, derruba. Hernandez era um rapaz, bom corpo fisicamente, ele era da parte de nego. Nós todos somos negros, eu, Zé, todos somos negros! Então, é dessa parte nossa, negro. Hernandez era meu sobrinho... Hernandez era um sobrinho meu, filho de meu irmão, Zé Estevão. Era filho

dele, eu me lembro muito bem que ele brigava com a polícia também aí, ó! Ele também era esperto também, ele mexia com esse negócio de capoeira também, parece que ele trenava de capoeira, por que ele era muito esperto na capoeira. É... Ele brigava mais só de pé! Só de pé! Passava o pé e derrubava e ele era filho de Zé estevão meu irmão. Eu não sei que aconteceu com ele que... Faleceu, né! Ele e filho de Zé de Isaac, de desastre. Carro tombou com ele, matou ele. Que eu lembro de Hernandes é só isso aí! Meu sobrinho... Ele era novo, filho de Zé Estevão, meu sobrinho... Ele era mais velho que Chuluca, né? Chuluca era mais novo, mas Chuluca é poucos tempo que ele vem mexendo com capoeira, né? Hernandes já vinha muito tempos mexendo com capoeira, desde menininho novo. Ele gostava de capoeira, mas ele não tinha medo de polícia não, brigava mesmo! É o último que eu lembro dos “valentão” de Goiás. Goiás tem muitas histórias... Não é só essas coisa não... Tem muitas histórias!. **Manoel Ferreira Rafael, 2006.**

Depoimento 8 – Manoel Ferreira Rafael, 2006.

Essa época eu tinha uns quatorze anos, era só rapaziada que brigava, inclusive eu também brigava com o povo do lado de cá também. Brigava um terno contra outro, daqui para lá não podia saltar o rio que nós pegávamos eles! E nós não podia saltar de cá, senão pegava nós. Corria esse Goiás tudinho aí, a briga era essa! De uma rapaziada contra a outra, não ía preso por que era tudo rapaziada, brigava de tirar sangue mesmo, murro mesmo, pelada, cabeçada, era coisa de briga mesmo, pois é! Essa época era assim. **Manoel Ferreira Rafael. 2006.**

Depoimento 9 – Estevão Gomes de Sá, 2006.

Hernandes era meu irmão. Foi assim, a primeira pessoa que eu vi falar de capoeira, né! Ele morreu em 1978, com vinte e dois anos. Eu tinha oito, eu tenho uma lembrança dele ainda. Eu acredito que ele aprendeu capoeira em Goiânia, por que ele morou em Goiânia, mas com quem ele aprendeu? Assim... eu não sei com quem ele aprendeu. Também não lembro de ver ele jogar capoeira, mas eu lembro dele fazer berimbau. Na rua era ele, tinha o Lafaiete, tinha o Leu, o Mamau, Bin na Coxa, que morava lá na rua de casa. Eu lembro deles fazendo berimbau, mas ver ele jogando capoeira, foi uma coisa que nunca vi! Foi a primeira pessoa que me lembro dessa história

de capoeira aqui na cidade de Goiás. Foi esse meu irmão. Eu lembro que depois que ele morreu, tinha um berimbau dele que ficava no quarto lá de casa, mas é isso por que na época, era uma época que... Époça que eles gostavam muito de lutar, né? Essa coisa de briga mesmo! De lutar! Mas era o que eu lembro dele, é isso! Esse irmão meu. **Estevão Gomes de Sá. 2006.**

Depoimento 10 – Estevão Gomes de Sá, 2006.

Essa rivalidade existia mesmo entre o lado do João Francisco e o lado de cá. Entre a turma de lá e a turma de cá, se a turma de cá, saísse e fosse para lá, tinha briga, se de lá vinha para cá, tinha briga. Mas nesse tempo, assim... eu era muito... era a época que eu tinha... essa rivalidade era muito assim, na década de 70, de 76, de 78, mas no período da década de 80 por aí, essa rivalidade, ela foi acabando, entendeu? Ela deixou de existir. Hoje em dia não tem mais isso, por que nessa época, na época dos anos 70, igual eu falei, as pessoas gostavam muito de lutar, de brigar mesmo, entendeu? **Estevão Gomes de Sá. 2006.**

Depoimento 11 – Fernando Antônio de Araújo, 2006.

A capoeira na cidade de Goiás, ela começou por volta de 1986, dia 26 de julho para ser mais preciso. Naquela época a polícia enfrentava uma luta muito forte contra as maltas, grupos rivais que na cidade existia até então em alguns bairros dominavam e usavam capoeira para briga, quando se encontravam na noite, então estes grupos causavam brigas, discussões, e era muito violento naquela época e a gente enfrentava uma questão muito forte de resistência da polícia, por que a polícia achava que era esse grupo de capoeiristas que estava nascendo na cidade que estava provocando essa violência no município e, pelo contrário, a gente estava tentando mudar esse foco de violência na cidade de Goiás. **Depoimento cedido por, Fernando Antônio de Araújo. 2006.**

Depoimento 12 – Fernando Manoel Ferreira Rafael, 2006.

A polícia não dava conta de conter as maltas, por que naquela época o contingente era bem pequeno, tinha mais participantes, integrantes nas maltas que a própria polícia mesmo na cidade e o aparato militar era muito pequeno,

viaturas eram poucas, policial muito despreparado, então era muito difícil. **Fernando Antônio de Araújo. 2006.**

Depoimento 13 – Fernando Antônio Araújo, 2006.

A capoeira era para a autoafirmação das “maltas”, normalmente eram os líderes que procuravam e levavam uns dois ou três para poder aprender também a arte da capoeira, mas quando chegavam a gente doutrinava essas pessoas. Então, a gente trabalhava a cabeça daquelas pessoas que não era só o corpo, a capoeira não é só corpo! Ela é dez por cento do corpo, noventa é a cabeça. Se você não tem cabeça você não joga capoeira, se você tem cinquenta por cento de corpo e cinquenta por cento de cabeça, você é meio capoeirista. **Fernando Antônio de Araújo. 2006.**

Depoimento 14 – Fernando Antônio de Araújo, 2006.

O território aqui ele era dividido em duas partes, dividido pelo Rio Vermelho, que quem mora da margem do Rio Vermelho da margem direita, do lado da Igreja de Santa Barbara, da Igreja do Rosário, tinha uma malta, aliás duas que era a da Vila Lions e do Chupa Osso, que é o Alto de Sant’Ana, que é lá no pé do Morro das lajes. Do outro lado do Rio, tinha o Bairro do João Francisco, praça Araguari. São essas quatro maltas que naquela época existia e quando encontravam “quebravam um pau” feio naquela época. Muita gente, questão de umas trinta, quarenta pessoas em cada malta e uma não frequentava festa nem bairro onde a outra malta dominava, né?! E a capoeira conseguiu dissolver essas maltas porque né, cada local que a gente treinava era um local que uma malta dominava e um integrante de uma malta treinava. Depois, a gente mudava, outro grupo entrava e assim a gente foi dissolvendo, pouco a pouco, essas maltas de arruaceiros na cidade de Goiás e hoje a capoeira é livre aqui na cidade, é conhecida como arte, não como uma coisa marginal, felizmente!. **Fernando Antônio de Araújo. 2006.**

Depoimento 15 – Creude Moraes Dutra, 2006.

Os bairros era muito divididos. Quando juntava o Pé Vermelho com o Chupa Osso era briga, mas quando juntava o lado de cá, que era briga contra o lado de lá, eles unia para brigar com

a turma de lá. Tinha isso, tanto que a turma de lá não podia passar para cá, nem a turma daqui se passasse para lá também. “O pau pegava!” Então, tinha muito isso, quando topava, ai o pau pegava mesmo. Até quando a gente era menino que a gente passava para o lado de lá, tinha muita encrenca! Povo sismava até com menino do lado de cá! A maior turma dessa época, que eu lembro, era a da Araguari, que a Araguari juntava era para brigar, eles não ia para a festa para festar não, eles ai para brigar, e eles usava a capoeira para brigar. Eles treinavam a capoeira para brigar! Antigamente já existia isso! Então, quando eu fui sair, passear, já tinha este conflito de bairro contra bairro, do lado de lá contra cá. Quando isso surgiu este trem já é antigo, esta rivalidade eu não sei dizer quando surgiu, ela já existia. Na Praça do Coreto está divisão aparecia, era dividido. Quando você chegava lá, a parte da Araguari ficava sempre naquele canto do lado da Igreja ali. As outras partes, ficavam mais na de lá. Eles não eram encrenqueiros, mas se você brigasse com um era mexer com caixa de marimbondo. A polícia era despreparada, quando a polícia chegava, muitas vezes quando chegava, eles já tinham vazado. A polícia não interferia muito não, os lideranças aqui ó! Atrás do Cemitério quem mandava era, Branco, Rogério, Tico. Aqui no Morro da Laje era o Didi, Néelson, Diron. Então, quem mandava aqui no Alto de Sant’ Ana era eles, mas na Araguari, eu não sei citar o nome. Aqui também tinha dois muito temidos, era o Nica e o irmão dele o Zim Galinha, que treinavam a capoeira para brigar e naquele lote do quintal do Cristiano, que sai de frente para o cemitério, eles treinavam lá. Eu lembro quando eu era menino. Lá ficava muita gente treinando, o Nica e o Zim eram muito bons de golpes de capoeira. Enfrentavam a polícia e estes caras tudo foram ver capoeira e usar para briga porque já tinham visto Hernandez lutar, Hernandez irmão de Chuluca, eles enfrentavam até o Macaco de igual. Macaco era um monstro de forte, cara muito forte, eles treinavam capoeira era para brigar, não tinha roda, eles treinavam a capoeira era brigando uns com os outros, depois apertava a mão e ia embora. **Creude Moraes Dutra. 2006.**

Depoimento 16 – Fernando Antônio Araújo, 2006.

A capoeira começou na minha casa, no quintal da minha casa, n dia 26 de Julho de 1986, começamos eu Xandó, o Chuluca, que hoje está, integrando a capoeira aqui na cidade muito forte, o Leninho que está em Goiânia, Brasília e Brasil, Maurício que também parou, Joãozinho, acho que era só esses cinco quando a gente começou na minha casa, começamos a treinar

lá, praticar lá, e depois, a gente entendeu que tinha que sair do quintal, e levar isso para fora, levari isso para a cidade, para a população, e conseguimos fazer apresentações em escolas, nas praças, teatros, participação de missas em igrejas, com berimbau e atabaque, missas curiolas, e isso deu uma força muito grande para a gente naquela época. **Fernando Antônio de Araújo, 2006.**

Depoimento 17 – Fernando Antônio Araújo, 2006.

A bateria era formada por um berimbau, um pandeiro e palmas, por que a gente não tinha o conhecimento de capoeira como a de academia, a gente só foi ter esse conhecimento com bateria, a parte principal do jogo da capoeira, por que a música que conduz o jogo, foi quando a gente conheceu o Besouro, Caçador, lá de Goiânia, eles vinham para Goiás nos finais de semana, e começou a passar para a gente, como é a estrutura da bateria, contendo três berimbau, atabaque, pandeiros, reco-reco, ago-go, a formação, como sentar, como se portar numa roda, até então a gente tinha isso tudo ai, intuitivo mesmo, sabe? A força da capoeira fazia a gente mesmo crescer. **Fernando Antônio de Araújo, 2006.**

Depoimento 18 – Fernando Antônio Araújo, 2006.

No Chafariz, quando a gente chegava para treinar, todos os dias, todos os dias tinha treino, final de semana tinha roda, e a praça é muito grande, e o pessoal lá, naquela época, começo a fazer naquela época, abaixo assinado, para tirar agente de lá, e alegavam que estava fazendo mito barulho, horário de novela, horário que eles estavam jantando, então estava perturbando esse aconchego do lar, então a gente ficou sem local para treino, ai eu consegui através da diretora do Professor Alcides Jubé, colégio, agente ir para lá e treinar, e treinamos lá mitos anos, até agente separar o grupo, a gente tinha em mente que não era aquele tipo de capoeira que a gente queria, nós queríamos uma capoeira mais arte. **Fernando Antônio de Araújo, 2006.**

Depoimento 19 – Fernando Antônio Araújo, 2006.

Da minha casa a gente foi para o mato, para a carioca, no mato perto do viaduto, até quando a gente conheceu um pessoal da capoeira Regional, vindo de Goiânia, que era o Pajé, de 1989 para 1990, quando a gente conheceu essa turma, e aí esse pessoal tinha um conhecimento de capoeira feita em academia, e aí passou algumas coisas para a gente também, que a gente seguiu até um centro tempo, mas quando a gente percebeu que aquela não era a capoeira que a gente queria fazer, nós dissolvemos o grupo, foi quando a gente conseguiu o espaço da União, Associação Atlética União Goiana, a gente se chamava Quilombo, naquela época a gente andava muito na cidade, aí eu coloquei o nome de Quilombo, e depois passo a ser Berimbau Câmara, mais foi um nome que não vingou muito, por que a gente estava com um pessoal de Goiânia, Caçador e Besouro, eles tinham um grupo lá chamado Só Angola, e a gente sentiu necessidade de estar integrado com um grupo de fora, forte, eles iam para Bahia, ia para São Paulo, Rio, e a gente não saía da cidade de Goiás, então a gente adotou o nome Só Angola, e o Berimbau Câmara morreu ali mesmo, então foi na época que a gente começou a praticar a *Capoeira Angola na cidade de Goiás*. **Fernando Antônio Araújo, 2006.**

Depoimento 20 – Fernando Antônio Araújo, 2006.

Quando agente fazia os treinos e as rodas no largo do Chafariz, dava muita gente, cada dia aumentava mais, com tudo, passamos a jogar e a desenvolver a capoeira com os alunos na roda, por que era muita gente, logo eles fizeram abaixo assinado para tirar agente de lá. **Fernando Antônio Araújo, 2006.**

Depoimento 21 – Fernando Antônio Araújo, 2006.

Já tinha terminado a nossa roda, agente fazia roda na praça do coreto, tinha dois capoeiristas jogando um jogo bem diferente, aquilo chamou a nossa atenção, quando eles terminaram, agente foi atrás para saber, era o Mestre Caçador e o Besouro. Eu perguntei, como que faz para agente aprender essa capoeira? Ele deu o endereço, o primeiro a ir conhecer e praticar em Goiânia, foi Leninho, ele ia e trazia informação, agente treinava. Depois agente começou a receber eles aqui, por que aqui a galera era aplicada, em dois meses já

